



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

RAFAEL LUIZ ALBANI

**OS PRIMEIROS ANOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NA IMPRENSA (1939-
1941): O CASO DO JORNAL A VOZ DE CHAPECÓ NO OESTE CATARINENSE.**

**CHAPECÓ
2019**

RAFAEL LUIZ ALBANI

OS PRIMEIROS ANOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NA IMPRENSA (1939-1941): O CASO DO JORNAL A VOZ DE CHAPECÓ NO OESTE CATARINENSE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador. Me. André Lorenzoni

Chapecó
2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Albani, Rafael Luiz
Os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial na
Imprensa (1939-1941): O caso do jornal A Voz de Chapecó
/ Rafael Luiz Albani. -- 2019.
59 f.:il.

Orientador: Me. André Lorenzoni.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
História-Licenciatura, Chapecó, SC , 2019.

1. História da Imprensa. 2. Segunda Guerra Mundial.
3. Discurso. 4. Oeste Catarinense. 5. A Voz de Chapecó.
I. Lorenzoni, André, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA
Rodovia SC - 484, Km 02, Bairro Fronteira Sul, Chapecó-SC CEP 89815-899, 2049-6426
historia.cb@ufff.edu.br, www.ufff.edu.br

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Aos vinte e cinco de novembro de dois mil e dezenove, às 20 horas nas dependências do *Campus* Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos(as) professores(as): **Professor(a) Orientador(a) Me. André Lorenzoni, Professor(a) Avaliador(a) Dra. Samira Peruchi Moretto e Professor(a) Avaliador(a) Dr. Claiton Marcio da Silva.** O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pelo(a) acadêmico(a) **RAFAEL LUIZ ALBANI** sob o título: "*OS PRIMEIROS ANOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NO JORNAL (1939-1941): O CASO DO JORNAL A VOZ DE CHAPECÓ NO OESTE CATARINENSE.*" obteve nota _____ sendo considerado aprovado.

Chapecó - SC, 25 de novembro de 2019.

Me. André Lorenzoni
Professor(a) Orientador(a)

Dra. Samira Peruchi Moretto
Professor(a) Avaliador(a)

Dr. Claiton Marcio da Silva
Professor(a) Avaliador(a)

DEDICATÓRIA

A todas pessoas e combatentes que perderam a sua vida da Segunda Guerra mundial, em um esforço coletivo para frear a tirania de governos e figuras autoritárias, bem como ideias inconcebíveis que não devem ser toleradas. Dedico também aos profissionais da imprensa (correspondentes de guerra, jornalistas, e editores dos periódicos) que levaram a notícia aos quatro cantos do globo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a todas as pessoas que me auxiliaram com o meu trabalho de conclusão de curso, assim como na minha trajetória durante o curso de graduação na Universidade Federal da Fronteira Sul. Gostaria de deixar aqui minha gratidão a todas essas pessoas que agregaram tanto em minha vida e me permitiram superar esta etapa.

Agradeço minha mãe Odete, meu pai João, minha irmã Márcia e namorada Andressa por todo o incentivo, compreensão, dedicação e apoio em momentos difíceis, tanto na vida como no período da graduação.

Aos amigos meus amigos do transporte e da universidade que embora fossem estranhos no começo desse percurso, ao longo do tempo se tornaram pessoas importantes na minha vida dividindo comigo momentos de alegria, tristeza e superação, tornando essa caminhada menos solitária e sofrida.

Agradeço a todos os meus professores do curso de História por todo o conhecimento transmitido ao longo desses anos de convívio. Em especial ao meu orientador o professor André Lorenzoni por toda sua atenção, compartilhamento de ideias e prontidão em me mostrar os caminhos para atingir meus objetivos com este trabalho nesta fase final do graduação. Agradeço também a professora Edsiana de Belgrado Aita que me auxiliou com o projeto de pesquisa na fase inicial do Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço os profissionais do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM) que me receberam e foram muito cordiais em minhas visitas na fase de recolhimento das fontes para o trabalho.

Aos meus chefes Clovis e Neri por toda a paciência e compreensão quando precisei me ausentar das minhas funções para realizar meus objetivos pessoais.

Enfim a todos que de uma maneira ou outra cruzaram meu caminho e auxiliaram durante a graduação, meu muito obrigado.

RESUMO

Antes do envolvimento direto do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) no ano 1942, já havia a disputa entre as potências (mais tarde beligerantes) que visavam uma maior influência comercial com a América Latina. Esse clima de incertezas gerou inquietação nacional, e uma ânsia por notícias relacionadas ao conflito, já no ano de 1940. Na época, a imprensa jornalística brasileira estava atrelada às censuras impostas pelo Estado Novo (1937-1945) que limitou sua atuação e abrangência. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi analisar discursos presentes em notícias produzidas sobre a Segunda Guerra Mundial em Chapecó, então uma região do interior do Brasil, onde o jornal configurava importante meio de comunicação; buscando perceber como as notícias eram produzidas e expostas. A perspectiva teórico-metodológica empregada na pesquisa se constitui em uma tentativa de diálogo entre análise de referências bibliográficas entendidas como pertinentes ao tema de pesquisa, e as fontes, buscou-se um arquivo referente ao Jornal *A Voz de Chapecó*, disponível no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM-Unochapecó). O trabalho repousou em uma metodologia que dialoga história da imprensa, com foco no discurso e na influência política da época, partindo da história local em relação à nacional, levando em consideração as notícias resgatadas do período enquanto discursos produzidos ideologicamente sobre o Conflito. Foram analisados 14 páginas desse arquivo para tentar responder aos objetivos propostos, e com o intuito de fazer certo contraponto analítico entre os discursos produzidos em Chapecó, tido como “interior”, também é referenciado o Jornal *Diário Carioca (RJ)*, então capital federal brasileira (disponível no site da Biblioteca Nacional). O recorte temporal da pesquisa parte do ano 1939 até 1941, correspondendo respectivamente ao início do conflito na Europa e o último ano de “não envolvimento direto” do Brasil na Guerra. Ao longo destes 3 anos, através das notícias se percebeu algumas alterações de sentido nos discursos referentes ao Conflito supracitado, explicitando caracteres ideológicos nessas produções discursivas.

Palavras chave: História, Política, Discurso, Diário Carioca, A Voz de Chapecó.

ABSTRACT

Prior to Brazil direct involvement in World War II (1939-1945) in 1942, there was a dispute between the (belligerent) powers that aimed for greater commercial influence with Latin America. This climate of uncertainty has generated national unrest and a craving for conflict-related news. At the time, the Brazilian journalistic press was linked to the censorship imposed by the “Estado Novo” (1937-1945), which limited its performance and scope. In this sense, the general objective of the research was to analyze discourses present in news produced about the Second World War in Chapecó, then a region of the interior of Brazil, where the newspaper was an important means of communication; trying to understand how the news was produced in [ideological] senses. The theoretical-methodological perspective employed in the research constitutes an attempt to dialogue between analysis of bibliographical references understood as pertinent to the research theme, and as sources, we searched for a file referring to the newspaper A Voz de Chapecó, available at the Memory Center. from the west of Santa Catarina (CEOM-Unochopecó). The work rested on a methodology that dialogues the history of the press, focusing on the discourse and political influence of the time, starting from local to national history, taking into account the news rescued from the period as ideologically produced discourses about the Conflict. Sixteen pages of this archive were analyzed to try to respond to the proposed objectives, and in order to make a certain analytical counterpoint between the speeches produced in Chapecó, considered as “interior”, is also referenced the Jornal Diário Carioca (RJ), then Brazilian federal capital (available on the National Library website). The time frame of the research starts from the year 1939 until 1941, corresponding respectively to the beginning of the conflict in Europe and the last year of Brazil's “no direct involvement” in the war. Throughout these 3 years, through the news we noticed some changes of meaning in the discourses regarding the aforementioned Conflict, explaining ideological characters in these discursive productions. focusing on the discourse and political influence of the time, from local and national history, taking into account the news rescued from the period.

Keywords: History, Politics, Speech, Carioca Diary, The Voice of Chapecó.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Diário Carioca, 3 de junho de 1941.....	32
Figura 2: 1ª edição do jornal <i>A Voz de Chapecó</i> , 03 de maio de 1939.....	35
Figura 3: Gráfico notícias de capa do jornal <i>A Voz de Chapecó</i> (Edição 77 a 86)	38
Figura 4: 1ª Notícia da Segunda Guerra Mundial estudada, jornal <i>A Voz de Chapecó</i> , ano I, nº 24, p. 04, 18 de dezembro de 1939.....	57
Figura 5: 2ª Notícia da Segunda Guerra Mundial estudada, jornal <i>A Voz de Chapecó</i> , ano II, nº 64, p. 01-04, 30 de outubro de 1940.....	58
Figura 6: 3ª Notícia da Segunda Guerra Mundial estudada, jornal <i>A Voz de Chapecó</i> , ano II, nº 79, p. 01, 30 de março de 1941.....	58
Figura 7: 4ª Notícia da Segunda Guerra Mundial estudada, Jornal <i>A Voz de Chapecó</i> , Ano II, nº 86, p. 01-04, 3 de junho de 1941.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

2ªGM- Segunda Guerra Mundial

CEOM - Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina

DC - Diário Carioca

DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda.

EUA- Estados Unidos da América

EN- Estado Novo

FAB - Força Área Brasileira

FEB - Força Expedicionária Brasileira

GV- Getúlio Vargas

RJ- Rio de Janeiro

SC- Santa Catarina

URSS- União das Republicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O BRASIL (1934-1942)	16
3. IMPrensa E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1941)	21
3.1 IMPrensa MUNDIAL (1939-1941)	21
3.2 IMPrensa BRASILEIRA (1939-1941)	23
4. IMPrensa NA CAPITAL E NO INTERIOR DO BRASIL (1939-1941)	29
4.1 CAPITAL: DIÁRIO CARIOCA.....	29
4.2 INTERIOR: A VOZ DE CHAPECÓ.....	34
5. NOTÍCIAS DE GUERRA EM CHAPECÓ (1939-1941)	42
5.1 DISCURSO JORNALÍSTICO CHAPECOENSE EM MEIO A GUERRA	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERENCIAS	55
ANEXOS	57

1. INTRODUÇÃO

No momento do envolvimento direto do Brasil na Segunda Guerra Mundial (2ª GM), no ano 1942, havia a disputa entre as potências (belligerentes) que visavam uma maior influência comercial com a América Latina. Esse clima de incertezas gerou inquietação nacional, e uma ânsia por notícias relacionadas ao conflito. Na época, a imprensa jornalística brasileira estava atrelada às censuras impostas pelo Estado Novo (1937-1945) que limitou sua atuação e abrangência.

Nessa perspectiva, o objetivo geral da pesquisa foi analisar discursos presentes em notícias produzidas sobre a 2ª GM em Chapecó, então uma região do interior do Brasil, onde o jornal configurava importante meio de comunicação; buscando perceber como as notícias eram produzidas, expostas e seus sentidos [ideológicos]. A perspectiva teórico-metodológica empregada na pesquisa se constitui em uma tentativa de diálogo entre análise de referências bibliográficas entendidas como pertinentes ao tema de pesquisa, e como fontes, buscou-se um arquivo referente ao Jornal *A Voz de Chapecó*, disponível no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM-Unochapecó).

O trabalho repousou em uma metodologia que dialoga história da imprensa, com foco no discurso e na influência política da época, partindo da história local em relação à nacional, levando em consideração as notícias resgatadas do período enquanto discursos produzidos sobre o Conflito. Foram analisadas 14 páginas desse arquivo para tentar responder aos objetivos propostos, e com o intuito de fazer certo contraponto analítico entre os discursos produzidos em Chapecó, tido como “interior”, também é referenciado o Jornal *Diário Carioca (RJ)*, então capital federal brasileira (disponível no site da Biblioteca Nacional). O recorte temporal da pesquisa é de 1939 até 1941, correspondendo respectivamente ao início do conflito na Europa e o último ano de “não envolvimento direto” do Brasil na Guerra. Ao longo destes 3 anos, através das notícias se percebeu algumas alterações de sentido nos discursos referentes ao Conflito supracitado, explicitando caracteres ideológicos nessas produções discursivas.

Dialogando com referências historiográficas a respeito da Segunda Guerra Mundial, o objetivo geral dessa pesquisa, foi uma tentativa de compreender e apresentar um panorama analítico em torno dos discursos sobre a Segunda Guerra Mundial, no período de 1939 a 1941, em Chapecó (interior do país), percebendo as ideias políticas que eram fomentadas pelas imprensa local. Buscando compreender a organização do periódico e sua função política e social na sociedade chapecoense do período. Atentando para a percepção em torno dos discursos sobre

o Conflito em dois “espaços de discurso” relativamente distintos, primeiro na capital federal e, em seguida em Chapecó.

O trabalho se pauta basicamente em uma análise de discurso sobre os temas que norteavam a sociedade chapecoense da época e as suas notícias de Guerra. Buscou se perceber os formuladores da notícia (editores dos periódicos) como parte integrante de um “aparelho ideológico de Estado”, que embora possuísse limites em sua atuação, exerciam um certo poder através da produção e divulgação de um conteúdo intencional. Para isso foi necessário compreender não somente a estrutura do texto, mas as suas finalidades e o contexto da época.

O discurso se exerce na intencionalidade daquele que fala e organiza-se num espaço de limitações e de estratégias [...] Tal abordagem trata a máquina mediática e o discurso da informação a partir de uma complexidade em diversos níveis abordados, ou seja, a partir da produção, do produto e da recepção, onde o discurso da informação é visto a partir do paradoxo de suas finalidades: ele busca informar, ao mesmo tempo, que ele deve igualmente captar, seduzir seu público, segundo as articulações vistas a partir dos espaços de imposições e estratégias. (FERREIRA, 2015, P.03)

Nesse sentido, a metodologia empregada nessa pesquisa, buscou uma tentativa de dialogar com uma análise de discurso, tendo em vista que a mídia configura-se como um discurso, uma fala. Na época essa mesma imprensa (através de sua divulgação) apresentava um grande efeito de verdade nos seus leitores, alienados, muitas vezes, do caráter tendencioso e proposital em favor de alguns líderes políticos envolvidos ou vieses ideológicos que eram fomentados nesses discursos.

Com relação a seleção da fonte de pesquisa, foi necessário um resgate total de aproximadamente 50 edições do Jornal *A Voz de Chapecó*, disponíveis no CEOM. Após uma análise minuciosa desse arquivo formulado, essas imagens foram reduzidas a um número de aproximadamente 16 notícias diretas do conflito, sendo que apenas 4 foram analisadas neste documento. Além dessas 4 notícias da Guerra, foram examinadas mais 10 imagens de capa, referentes ao período de 10 de março a 3 de junho do ano de 1941, sendo as respectivas edições nº 77 até a 86; ambas compreendendo o ano de 1941.

Os critérios para a seleção das fontes (arquivo disponível), identificou a presença de temas relacionados diretamente ao conflito, assuntos militares e as próprias notícias de guerra que são cruciais para a realização da pesquisa. Já com relação as imagens utilizadas no gráfico, se deu a seleção por apresentar um período de 10 edições ininterruptas em um período que a guerra já estava a todo vapor na Europa, servindo muito bem ao propósito da pesquisa. Após essa resgate e triagem, os discursos dos periódicos foram analisados à luz de um referencial

teórico considerado apropriado e os seus dados, bem como as percepções foram convertidas em escrita no documento.

Embora o trabalho repouse principalmente em torno do periódico chapecoense supracitado, para buscar responder todas as questões propostas pelo trabalho em questão, foi utilizado uma fonte secundária comparativa, o jornal *Diário Carioca* (DC) do Rio de Janeiro (RJ). Este jornal da época se apresentava na capital federal do Brasil; era influente em sentido nacional; e “serviu” para afirmar as diferenças estruturais e a produção da informação em regiões distintas do país. O acesso a esta fonte da imprensa carioca se deu por meio do site da Hemeroteca Nacional. Já a justificativa para usar o periódico chapecoense (*A Voz de Chapecó*) parte de um interesse particular, baseado numa tentativa de resgatar um pouco da história do Oeste de Santa Catarina e sua relação com a Guerra. Este periódico de Chapecó foi escolhido para a pesquisa por ser a única fonte impressa da região no período que estava disponível no CEOM, sendo de fácil acesso.

A pesquisa nas fontes partiu da análise dos periódicos, que no geral compreendem os anos de 1939, 1940 e 1941, este recorte temporal se justifica por compreender o início da guerra e o fim da suposta “neutralidade” do Brasil, tentando entender como a imprensa da capital e, sobretudo do interior, pensava ou retratava sobre os envolvidos, e que notícias do cotidiano eram produzidas em “tempos de guerra”. Nas fontes se buscou perceber elementos discursivos, exaltações políticas, organizacionais e sociais, posicionamentos ideológicos, nesses primeiros anos da Segunda Guerra Mundial.

Ao usar o jornal como fonte de pesquisa deve-se fazer uma análise crítica da produção das notícias e informações, as comparando com referências teóricas, juntamente com a reflexão crítica sobre o contexto da sociedade na época, e como os discursos políticos eram formulados para interferir nesta. Sem o uso destes parâmetros pode-se chegar a uma constatação simples ou invalida sobre o assunto abordado, pois de acordo com LAPUENTE “Como qualquer fonte histórica, os jornais devem ser utilizados criticamente pelo historiador, para não correr o risco de se deixar levar pelo discurso da fonte e, conseqüentemente realizar uma análise precipitada, acríica e superficial.” (2015, p.02)

Uma das justificativas usadas para a realização deste trabalho gira em torno de que existem inúmeras pesquisas sobre a abrangência do conflito no litoral catarinense e o envolvimento do Brasil na guerra, porém não existe nenhuma que mencione o Oeste de Santa Catarina. Um exemplo destas obras relacionadas ao litoral do Estado de Santa Catarina é o livro de Marlene de Fáveri, intitulado *Memórias de uma (outra) Guerra: Cotidiano e medo durante*

a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina, sendo uma obra para pensar a influência da Guerra no Estado. Em contrapartida, também aparece como necessária pensar o contexto da Guerra no Oeste de Santa Catarina.

Logo esse trabalho poderá ser aproveitado em outras pesquisas acadêmicas para se pensar a ideia que a população do interior do país tinha sobre a Segunda Guerra Mundial e sobre como as políticas adotadas na Era Vargas (1930-1945) que interferiam naqueles espaços, já que a relação do Estado Novo (1937-1945) com esse Conflito precisa ser estudado em esferas regionais.

A Segunda Guerra Mundial teve uma repercussão muito grande, sobretudo em países que vivenciaram o Conflito em suas terras ou fronteiras, e que mobilizaram uma grande quantidade de pessoas para o esforço de guerra, porém “espaços afastados”, como Chapecó, no interior do Brasil, podem revelar uma outra visão sobre a relação inicial da Guerra com cotidiano social de uma pequena cidade interiorana, que foi colonizada, por sua vez, por descendentes de alemães e italianos, etnias diretamente envolvidas.

O problema da pesquisa almejou responder uma questão principal: como uma região mais afastada dos centros de poder, produziam as informações sobre o Conflito e como representavam os líderes envolvidos em suas páginas no periódico em um recorte temporal de 1939 a 1941?

Na elaboração da pesquisa surgiram algumas hipóteses iniciais, uma é que durante o período do Estado Novo (1937-1945), quando da entrada direta do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942), as vinculações das notícias sobre o Conflito eram marcadas pela “neutralidade” em relação àqueles que se configurariam mais tarde como inimigos (salvo algumas pequenas críticas veladas), no caso em relação aos participantes do Eixo.

As razões dessa não crítica ao nazismo podem ser compreendidas a partir da própria formulação do Estado Novo (1937-1945) que se manteve ideologicamente muito próximo a regimes nazifascistas da Europa do período. Ao mesmo tempo, supomos que a produção de sentidos da população sobre o Conflito, produzido pelos jornais, sofreu influências das conjunturas sociais e políticas dos espaços. Nos grandes centros políticos e sociais como Rio de Janeiro o Conflito foi percebido de forma mais intensa, podendo talvez aos editores do periódico formar uma opinião “mais própria” sobre o assunto, graças a sua estrutura organizacional e poder ideológico, diferentemente de regiões como Chapecó, marcadas pelo afastamento dos grandes centros urbanos do país.

Seguindo nessa linha de pensamento pode surgir outra hipótese, é a de que o jornal local tinha uma sua própria organização e pensamento próprio, porém utilizava ou seguia modelos de jornais de maior circulação do país. Outra ideia, é que a Segunda Guerra Mundial ou na época Guerra Europeia, em seus primeiros anos (1939-1941) impactaram em menores graus a sociedade chapecoense por ser um território de fronteira, mais afastado de metrópoles urbanas, com outras questões em pauta.

Com relação ao quadro teórico e bibliografias historiográficas utilizadas, pode se dizer que foram usados vários autores de diferentes pesos, alguns são pouco conhecidos, já outros são autores consolidados. Dentre os principais autores e obras que podem ser citados estão; Carla Pinsky e o livro: *Fontes Históricas*, e Rafael Lapuente e seu artigo: *A Imprensa como Fonte: apontamentos teórico metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica*, que apresentam dois valiosos documentos para se pensar o uso do jornal como fonte em uma pesquisa, apresentando possibilidades de método para sua análise.

O já citado livro de Marlene de Fáveri: *Memórias de uma (outra) Guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial*, que traz uma excelente reflexão sobre o impacto do Conflito em nosso Estado catarinense e nos imigrantes alemães residentes no Estado, sobretudo na região do litoral.

Nessa perspectiva, para se pensar as políticas do Estado Novo e seu impacto nas notícias produzidas nos periódicos nacionais, foram elencadas autoras como Dulce Pandolfi *Repensando o Estado novo*, e Maria Helena Capelato e seu capítulo da mesma obra citada: *Propaganda política e controle dos meios de comunicação*, ambas sendo pesquisas crucias nesse trabalho para entender a organização de ideias e censuras nos jornais da época.

Outro autor que pode ser citado aqui é: Eric Hobsbawn e a *Era dos Extremos*, para se ter uma visão única da Segunda Guerra Mundial a partir de um olhar que vivenciou o Conflito ao longo da sua trajetória de vida.

A estrutura textual do documento, segue uma ordem que no primeiro capítulo: “O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: breve histórico (1939-1941)”, faz uma breve contextualização historiográfica do Brasil em relação a Segunda Guerra Mundial. O segundo capítulo: “Imprensa e segunda guerra mundial (1939-1941)”, aborda a função da imprensa e do jornal impresso em nível mundial em meio à Guerra, e explicita a atuação da imprensa no cenário nacional deste mesmo período compreendido pelo início do Estado Novo e da II Grande Guerra.

O terceiro capítulo: “Imprensa na capital e no interior do Brasil (1939-1941)”, busca fazer uma análise da fonte secundária/comparativa, *Diário Carioca* (DC) e sua representação

discursiva sobre a Segunda Guerra Mundial, e também são abordadas as fontes principais: *A Voz de Chapecó*. Foi elaborado um levantamento das características e histórico das fontes, visando criar um panorama sobre qual o tipo de documento que está sendo trabalhado, sendo elaborado um gráfico percentual ilustrativo a partir da análise de 10 edições do periódico.

No quarto capítulo “Notícias de guerra em Chapecó (1939-1941)”, foi desenvolvida interpretação das respectivos discursos produzidos pelas notícias sobre a Segunda Guerra Mundial, através das páginas do *A Voz de Chapecó*: se buscou perceber elementos de permanência e de mudança de discurso ao longo do tempo em estudo.

Apresentados os parâmetros teórico-metodológicos, fontes, perspectivas da pesquisa e organização do documento, me resta desejar ao leitor a possibilidade de lançar mais um olhar ou lugar de análise sobre esse assunto (produção de discursos jornalísticos sobre a Segunda Guerra Mundial). Pensando os discursos produzidos pelas notícias sobre a Segunda Guerra Mundial, tanto através das páginas do *A Voz de Chapecó*, como da fonte secundária/comparativa *O Diário Carioca* e sua representação discursiva enquanto veículo produtor de efeitos e sentidos ideológicos, nem neutro, nem ingênuo, mas política e discursivamente posicionado.

2. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O BRASIL (1934-1942)

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) entrou para a história como o maior conflito bélico e humano de todos os tempos. Essa guerra moderna praticamente envolveu ou chamou a atenção de grande parte dos cidadãos do globo, mobilizando praticamente a maioria da população dos países envolvidos diretamente no conflito, tendo essas nações que interagir com seus setores produtivos e recursos humanos para o esforço de guerra.

O Brasil também teve sua participação, porem seu envolvimento direto no conflito foi mais tardio (1942) e reduzido se comparado com outras nações beligerantes que dedicaram praticamente todos seus recursos disponíveis para a Guerra. Sua inclusão pode ser caracterizada majoritariamente como uma questão de estratégia, proteção e busca por desenvolvimento militar e estrutural.

A presença do Brasil ao lado dos países aliados pretendia promover esta autoimagem de grandeza. Em contraposição, o inimigo externo justificava todos os sacrifícios e superação que se mostravam acima de embates considerados secundários, ou seja, todas as outras questões sociais. O esforço de guerra, e a intensa mobilização a ele

vinculada, eram entendidos como a batalha para o desenvolvimento e defesa do país. (DALCASTAGNE, 2015, p.165)

Dentre os historiadores que analisam a Segunda Guerra Mundial se tem um consenso de que o marco inicial do Conflito seja a invasão da Polônia pela Alemanha nazista de Hitler no dia 1º de setembro de 1939. Nesse dia tropas alemães cruzaram a fronteira com a Polônia e efetuaram um ataque rápido e massivo contra as tropas polonesas que não foram capazes parar a invasão de seu território. Em apenas 27 dias de marcha o exército do líder alemão conquistaram a capital do país, Varsóvia.

Em 1º de setembro de 1939 forças alemães cruzavam a fronteira polonesa. Seguiu-se a primeira demonstração da eficácia da tática móvel combinando forças blindadas e aéreas. Os poloneses concentraram seus exércitos bem à frente, perto da fronteira, e suas reservas ficaram escassamente espalhadas. Assim, quando as colunas blindadas de Hitler, apoiadas pela Luftwaffe, atravessaram as fortificações da Polônia, as tropas polonesas, marchando a pé, foram incapazes de retroceder com rapidez suficiente para se reagruparem. Num hábil movimento de pinças, Bock e Von Rundstedt, do norte e do sul respectivamente, lançaram seus homens em direção a Varsóvia. Em 17 de setembro tropas russas cruzaram a fronteira oriental e, apesar da valente resistência, Varsóvia caiu a 28 de setembro. (MAIOLI, 2004, p.03)

Com esse ataque aos poloneses, a França e o Império Britânico, declaram guerra à Alemanha nazista. Países como o Japão e a Itália já estavam envolvidos em conflitos de seu próprio interesse, mas por motivos em comum acabaram por se juntar aos nazistas no avançar da Segunda Guerra Mundial, essa junção tripla ficou conhecida como as forças do “Eixo”.

Outros países também se envolveram somente após algum tempo de Conflito, como o caso dos Estados Unidos da América (EUA) em decorrência do bombardeio a Pearl Harbor pelos japoneses, em 1941; e a União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS) em função da invasão nazista ao seu território no mesmo ano. Essas duas nações (apesar de suas diferenças políticas e ideológicas) se juntaram ao Reino Unido, essa junção ficou conhecida como os “Aliados”. A Segunda Guerra Mundial teve seu início em 1939 e seu fim em 1945, com a vitória dos Aliados sobre as forças dos Eixo, o resultado do Conflito gerou intensas transformações na esfera de influência política, militar, econômica, social, cultural, etc. do mundo.

Nesse período inicial do conflito (1939-1941), o Brasil vivia um regime ditatorial conhecido como Estado Novo (EN) que durou de 1930 a 1945, sendo presidido por Getúlio Vargas (GV). Esse governo autoritário usou diferentes estratégias de controle das informações com censura, propaganda política e repressão dos opositores, que podem ser definidas como muito semelhantes às usadas por outros líderes de governos autoritários da Europa (como

Benito Mussolini e seu fascismo na Itália) e da América do Sul (como Augusto Pinochet, e sua ditadura no Chile, anos mais tarde).

O regime de Vargas foi muito associado ao nazi-fascismo, em partes por suas políticas de controle social, responsáveis por procurar, prender e as vezes torturar os opositores do seu governo, muitas vezes essas práticas contavam com o respaldo de grupos totalitários inseridos no território nacional.

Em 1940, Getúlio proferiu um discurso com teor fascista, esta fala fez alusões aos feitos e ações dos países do Eixo, Alemanha e Itália (o Japão até então não fazia parte), e acabou deixando os Estados Unidos da América ainda mais preocupados com os possíveis rumos políticos que o Brasil seguiria em sua linha governamental no futuro. Logo, iniciaram uma intensa relação de políticas econômicas, afim de oferecer mais condições e vantagens em negócios do que os rivais alemães, afim de preservar este aliado.

No começo da guerra, as vitórias alemãs incentivaram o grupo fascista interno a se manifestar simpaticamente em relação ao Eixo e o próprio Vargas sentiu se bastante respaldado para fazer um discurso discretamente favorável ao nazismo, quando das comemorações da Batalha do Riachuelo, em 1940, se bem que tal discurso não fosse tão discreto a ponto de não gerar mal-estar nos Estados Unidos, já então inclinado para a Inglaterra. (LOPEZ, 2000, p.96).

Em 1934 o Brasil e a Alemanha assinaram um acordo comercial informal que aumentou a liberdade entre o seu comércio e influenciou significativamente os negócios entre os dois países, nos mais variados setores produtivos, pois de acordo com CAMILA OLIVEIRA: “As relações comerciais entre Brasil e a Alemanha foram intensificadas a partir de 1934, quando da consolidação do comércio compensado que permitia a troca de mercadorias entre os dois países sem intermediação de moeda forte.” (2015, p.03) Após esse acordo comercial, logo em 1935 os Estados Unidos propuseram um outro para o Brasil, que previa melhores preços e menos tarifas as exportações de produtos brasileiros que seguiam para o país do hemisfério norte, com o intuito de frear as relações com a Alemanha.

Segundo Oliveira (2015), pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, o Brasil exportava mais para os nazistas do que para os americanos, sendo que em 1938, o país era o principal parceiro comercial da Alemanha, fora da Europa. Nessa política de manter relações comerciais com os dois países, Getúlio Vargas procurava tirar proveito econômico da situação de disputa pelo Brasil, empreendida pela Alemanha e pelos EUA, e vale ressaltar que o governo Vargas deixou de lado qualquer favoritismo político e procurou não depender de apenas destes parceiros comerciais, ao menos antes da entrada do Brasil no conflito em 1942.

Com o avançar do Conflito em território europeu, a Inglaterra começou a intervir no comércio brasileiro com a Alemanha, prendendo os navios nacionais que transportavam produtos para as forças do Eixo na Europa, e somente após o Brasil intermediar relações diplomáticas com os EUA, os Ingleses liberam os navios brasileiros que estavam sob seus domínios, mas exigiram como condição que o país deixasse de ser um parceiro comercial tanto da Alemanha como dos Italianos, com o intuito de prejudicar o esforço de guerra desses países, acabando com seu suprimento de recursos.

A grave crise diplomática entre os dois países foi finalmente solucionada em dezembro do mesmo ano, após ações diplomáticas dos Estados Unidos junto à Grã-Bretanha, com o compromisso assumido por Oswaldo Aranha de cessar o comércio compensado com a Alemanha. [...] O governo inglês fez várias exigências para liberar o navio brasileiro, entre elas, o fim do comércio com países do Eixo, a proibição de transporte de mercadorias alemãs e o fim das operações aéreas italianas no Brasil. (BARONE, 2013, p.81)

Essa “nova posição aderida” pelo Brasil diante do Conflito mundial, acabou ocasionando retaliações por parte do Eixo. O resultado dessa ruptura comercial, já no mesmo ano, foi o afundamento de 33 navios brasileiros que circulavam pelo Atlântico e na costa do país por torpedos disparados por submarinos alemães. Entre as embarcações nacionais que foram afundadas, as mais conhecidas eram o navio Parnaíba, Alegrete e Comandante Lyra.

Durante as ações no Atlântico Sul, cerca de 33 navios brasileiros foram torpedeados e outros 35 foram atacados. [...] Parnaíba: torpedeado pelo U-162, sob o comando do capitão Wattenberg na altura de Barbados, em 1 o de maio de 1942, com sete mortos e 65 sobreviventes. Comandante Lyra: torpedeado pelo submarino italiano Barbarigo, na altura de Fernando de Noronha, em 18 de maio de 1942, com dois mortos e cinquenta sobreviventes. [...] Alegrete: atacado ao largo de Santa Lúcia pelo submarino U- 156, comandado pelo capitão Hartenstein, em 1o de junho de 1942, com 64 sobreviventes. (BARONE, 2013, p.32-33)

Mediante esses ataques alemães a navios brasileiros, a população (sobretudo estudantes) saiu às ruas pedir a declaração de Guerra para o presidente, logo no primeiro semestre de 1942. Na época então presidente do Brasil, Getúlio Vargas por dispor do apoio popular e pela própria pressão estadunidense, declarou guerra ao Eixo no mesmo ano. Logo em seguida o país também passou a empreender uma forte campanha na área da defesa militar e de patrulha antissubmarino (alemão) na costa brasileira. Com o apoio dos aliados, o país tinha a disposição armas mais avançadas e eficientes, vindo a auxiliar no patrulhamento do Atlântico Sul, atrapalhando os planos nazistas na região.

O litoral nordeste brasileiro mudou o foco de importância defensiva para ofensiva, as operações dos submarinos do Eixo também sofreram uma reviravolta no cenário da Batalha do Atlântico. No começo, os submarinos alemães eram os caçadores implacáveis dos mares — destruindo milhares de toneladas de navios. O total dos afundamentos de navios brasileiros entre 1942 e 1943 ultrapassou as 130 mil toneladas. Com o aumento das operações antissubmarino americanas e brasileiras, os caçadores viraram presas. Os Aliados desenvolveram melhores navios e armamentos — incluindo o aperfeiçoamento de sonares e radares —, assim como o primordial patrulhamento aéreo, que colocou em xeque os planos de ataque alemães. (BARONE, 2013, p.35-36)

Após toda essa troca de favores, houve uma aproximação maior do Brasil com os Estados Unidos da América, mediante a visita do presidente Roosevelt ao país, acontece a criação da Força Área Brasileira FAB e da Força Expedicionária Brasileira (FEB), que recrutou aproximadamente 25 mil homens de todas as partes do país, para lutar no front de batalha nazifascista (sua atuação se deu principalmente na batalha de Monte Castelo, na Itália). Esses soldados brasileiros que foram para o conflito ficaram conhecidos entre os meios de comunicação e pela própria população como pracinhas.

No Brasil, o ato do alistamento é conhecido como “sentar praça”. “Praça”, além de indicar o local onde fica um quartel, também é a designação para soldado raso em serviço. O jovem praça alistado para compor a FEB passou então a ser conhecido como “pracinha”. O termo até hoje não tem uma versão oficial para seu surgimento, mas, em pouco tempo, toda a população, os jornais e as rádios se referiam ao contingente da FEB como sendo composto pelos pracinhas. O nome difundiu-se. Era uma forma terna de se referir ao soldado brasileiro. (BARONE, 2013, p.104).

Desde o início da Segunda Guerra Mundial em 1939, até o ano de 1941 (período em que o Brasil ainda mantém uma certa neutralidade perante o Conflito – não diretamente envolvido na Guerra), nos centros urbanos e regiões litorâneas do Brasil, como o caso do Rio de Janeiro, capital federal do país na época) já haviam muitos rumores, boatos, críticas e temores sobre os rumos do conflito. Por isso além de revisar como acontecia essa produção da informação na capital sobre o andar do conflito, essa pesquisa buscou, sobretudo, explicitar perspectivas de como funcionou a produção jornalística sobre a Guerra em região de interior, como o caso de Chapecó que também é uma região de fronteira.

3 IMPRENSA E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1941)

3.1 IMPRENSA MUNDIAL (1939-1941)

Segundo Eric Hobsbawn, A Segunda Guerra mundial foi o maior conflito bélico da história da humanidade, sua escala de violência, inovações tecnológicas e investimentos econômicos para desenvolvimento de armas e proteção se deram de uma maneira nunca antes vista, sendo que sua abrangência se estendeu por todo o globo, agitando praticamente todos os grandes países do mundo.

A Segunda Guerra Mundial foi global. Praticamente todos os Estados independentes do mundo se envolveram, quisessem ou não, embora as repúblicas da América Latina só participassem de forma mais nominal, as colônias das potências imperiais não tiveram escolha. (HOBSBAWN, 1995, p.26)

Tendo em vista que grande parte do globo tinha interesse ou medo que o conflito chegasse a suas fronteiras ou os impactasse de alguma forma, graças a sua magnitude, a cobertura do acontecimento bem como o repasse das informações sobre o andamento da guerra passaram a ser cruciais.

Neste contexto a imprensa assumiu este papel de produzir a informação (mesmo que quase sempre de forma parcial), mas é valido ressaltar que cada local ou país, tinha suas próprias maneiras de produzir as notícias (devidos suas políticas e formas de governo e respectivas ideologias), assim como os meios para atingir tal comunicação. Por isso em alguns locais o principal meio era o jornal impresso e em outros se tinha um maior uso do rádio (para todos os efeitos, este trabalho apenas se utilizou dos periódicos jornalísticos para se chegar aos objetivos).

Na análise de um jornal brasileiro do período, mais precisamente o caso do *Diário Carioca* (que será tratado mais a fundo adiante no capítulo), se percebeu que o mesmo trazia notícias a nível mundial, dando ênfase ao papel da imprensa dos países que já estavam envolvidos no conflito, e explicitava como os meios comunicação impressos atuavam “em sentido porta voz” dos seus respectivos governos, pois foram encontrados alguns enunciados como a seguinte afirmação; “Imprensa Francesa Quer a Intensificação da Guerra” (JUNIOR. p.01, 17 mar, 1940).

Essa declaração foi uma iniciativa da imprensa francesa, conforme a análise do corpo da notícia, que buscava chamar a atenção do governo vigente para a formação de uma

administração forte e eficaz que pudesse dar uma resposta rápida a invasão nazista que aconteceu na França naquele ano (1940), visando criar um governo capaz de dar uma resposta a derrota diplomática sofrida, bem como a criação de um Ministério de Guerra, para tratar desses assuntos emergenciais.

Essa notícia mostra também o papel social da imprensa nesses primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, sendo tanto um questionador, um porta voz da opinião pública e um crítico parcial das políticas do Estado (dependendo a orientação política do jornal em questão). Evidencia seu peso ideológico em sua sociedade de atuação, que podia direcionar certos pensamentos, exercendo pressão nos governos, segundo CHARAUDEAU, é “um jogo em que todos mudam sob a influência dos outros: a opinião sob a influência das mídias, as mídias sob influência da política e da opinião, o político sob influência das mídias e da opinião” (2013, p.25).

Neste clima de incertezas pelo mundo, a informação por meio da notícia nunca foi tão urgente e aguardada. Por esse motivo nos locais de combate surgiu uma nova ferramenta para a imprensa escrita, que propiciava relatos imediatos e imagens do conflito, esse instrumento era o correspondente de guerra. Segundo um artigo de OSCAR FORNER, “os meios escritos também foram responsáveis pela divulgação de fotos e matérias dos fronts de guerra que exaltavam o bom desempenho das tropas. Esse trabalho ficava sobre a responsabilidade dos correspondentes de guerra [...] incorporados ao exército” (2017, p.06), isto mostra que para além de um relato do conflito, havia uma busca por uma exaltação ou propaganda positiva do desempenho de cada exército, afim de causar uma boa impressão ou manipular o pensamento dos adversários, através da notícia.

Uma menção a estes homens foi recuperada no jornal *Diário Carioca* do dia 27 de fevereiro de 1940, a informação trata da coragem destes homens e dos riscos de sua função, segundo o texto do enunciado, estão “Ariscando a vida” (JUNIOR. p.01, 27 fev, 1940). Essa notícia em questão segue com a imagem de um cinegrafista americano (ou correspondente de guerra) tomando imagens das ações dos soldados, ainda na interpretação da notícia se percebe uma exaltação sobre estes, pois consideram que “passa pelos mesmos perigos que os soldados”, ao tomar estas imagens que mais tarde seriam usadas nas notícias de jornais ou em telas de cinema, mostrando que já havia todo um destino para essas imagens únicas.

Importante mencionar a função destes homens nesse primeiro período da Segunda Guerra Mundial (porém atuaram em todos os eventos do Conflito), pois foram eles sem dúvida um dos principais meios para que a imprensa em geral obtivesse o conteúdo imediato para

produção das notícias. Sem estes “agentes de campo” a produção da notícia seria muito simplista e/ou mais distante da realidade, pois o relato parcial destes partiu diretamente do local do Conflito (embora em alguns casos houvesse uma certa exaltação relato, em função destes serem criados no calor da hora ou sob compromissos e paixões ideológicas, independentemente, são de grande valia para a história graças as imagens).

Nesse contexto a comunicação via rádio ou na forma impressa (seja ela para fins estratégicos ou fins informativos – ambos ideológicos) se tornou crucial tanto para os governos como para a população em situação de Guerra. Um dado curioso, é que mesmo com as altas taxas de analfabetismo (na época) no mundo, ao analisar este período da história, constata-se que um dos principais meios de produção e circulação da informação (principalmente de guerras e questões político-econômicas) para a massa popular, eram os jornais (depois do Rádio), isto mostra toda a relevância da imprensa no período estudado.

3.2 IMPRENSA BRASILEIRA (1939-1941)

As notícias sobre Segunda Guerra Mundial no Brasil no final dos anos 1930 e início do 1940, eram difundidas principalmente pelo Rádio, mesmo assim, o jornal era um meio muito importante de produção e repasse das informações (graças a sua capacidade de controlar melhor a informação que chegaria a população no período). Esse meio de comunicação estava sob a tutela do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), um órgão responsável por controlar as informações da imprensa, propagar uma imagem positiva do governo durante o Estado Novo e também combater ideias contrárias a esse regime implantado por Getúlio Vargas.

A partir do ano de 1940, os jornais brasileiros tiveram que conseguir um registro no DIP para prosseguir suas atividades e estar de acordo com as exigências do governo, já aqueles que continuaram independentes ou eram rebeldes frente ao sistema, acabavam sendo eliminados de circulação, tendo suas licenças caçadas.

Havia controle direto sobre os veículos de comunicação: jornais, rádios, cinema. A partir de 1940, 420 jornais e 346 revistas não conseguiram registro no DIP. Os que insistiram em manter sua independência ou se atreveram a fazer críticas ao governo tiveram sua licença cassada. As “publicações inconvenientes” foram suprimidas. (CAPELATO, 1999 p.173)

Nos primeiros anos do Conflito, recorte aqui compreendido pelo ano de 1939 a 1941, havia toda uma ansiedade por parte da população sobre as informações da situação de guerra

na Europa, já que até aquele presente momento o Conflito se estendia apenas em solo europeu, não sendo considerada ainda uma guerra mundial. Aqui no Brasil esse interesse pela notícia da Guerra já era notado antes mesmo da entrada do Brasil na batalha em 1942.

Essas primeiras notícias que chegavam do outro lado do oceano eram elaboradas principalmente pelos correspondentes de Guerra (que também podiam ser jornalistas) que estavam diretamente inseridos no territórios atingidos pelos conflito. Essas informações eram enviadas para os editores da imprensa da América do Sul por meio do uso do rádio, telegramas e ligações telefônicas.

Na maior parte do país, a imprensa funcionava com edições matinais e vespertinas dos jornais impressos. Havia também as diversas estações de rádio que transmitiam as notícias que chegavam ao Brasil através das cadeias internacionais, como a BBC (British Broadcasting Corporation) e ABC (American Broadcasting Company), além dos telegramas ou mesmo de complicadas ligações telefônicas. (BARONE, 2013, p.83)

Essas primeiras notícias sobre a Segunda Guerra Mundial que circulavam na imprensa nacional, geralmente tendiam elaborar um discurso que buscava uma certa neutralidade, ou que não assumissem uma posição frente aos beligerantes (exceto aos comunistas, que recebiam muitas críticas, pela grande propaganda negativa criada por nações ocidentais, e já estava arraigado no discurso midiático), em função do nosso país estar envolvido economicamente com praticamente todas as nações que atuavam no conflito, em ambas as partes.

Esse conflito teve um papel importante nessa fase da história do Brasil, tanto por questões econômicas, quanto por questões políticas e culturais. Estados Unidos e Alemanha lutavam por um posicionamento do Brasil. Enquanto isso, Vargas negociava vantagens comerciais com os dois países. (BONET, 2009, p.02)

Por esses motivos era comum os periódicos regulamentados no DIP, até mesmo os independentes, sem registro no departamento, viessem a suprimir informações e não assumir posicionamentos sobre os participantes daquele Conflito (até então europeu) ou mesmo fazer críticas ao regime, devido ao fato de qualquer posicionamento “impróprio”, com “autonomia demasiada” ou que viesse de alguma forma chamar a atenção do governo, poderia lhes causar a censura e conseqüentemente outros efeitos colaterais.

Assim, diversos temas ou assuntos sociais do cotidiano e da própria situação de guerra acabavam por não vir à tona, limitando a produção da informação em função da criação de uma imagem de um governo forte e organizado, sem problemas em seu território, suprimindo muitas vezes a verdade. De acordo com Maria Helena Capelato:

Havia uma série de assuntos e notícias proibidos pelo DIP — por exemplo, notícias que mostrassem ou sugerissem descontentamento ou oposição ao regime; temas ou notícias relativos a problemas econômicos (transporte, abastecimento, escassez e alta de preços dos produtos); divulgação de acidentes, desastres, catástrofes, naufrágios, queda de avião; incidentes como brigas, agressões, crimes, corrupção, suborno, processos, inquéritos, sindicâncias etc. (CAPELATO, 1999, p.175)

Com essas afirmações pode se dizer que um jornal nacional, mesmo que tivesse uma proposta independente ou atuasse em áreas isoladas dos centros de poder do Estado, se limitava a um mero aparelho ideológico. Em partes pelo medo da censura, e tanto como pela própria ausência de bases para a produção dos conteúdos a serem divulgados, já que alguns assuntos considerados impróprios acabavam não circulando mediante atuação do DIP.

Assim, um periódico normal, via-se obrigado a repetir um discurso estatal, cumprindo um papel de fomentador político que repassaria apenas características positivas do país, bem como os aspectos positivos de seu líder e do governo (que figuraria como o modelo para a nação), acabando por deixar de lado temas imediatos, como desemprego, desastres ou a própria situação “real” de guerra, que cada vez tomará proporções maiores, e inevitavelmente chegaria até o país em pouco tempo.

O jornal, sem sombra de dúvida foi um dos principais meios para afirmar uma aversão ao comunismo (soviético) por toda a década de 1930 e 1940, graças aos esforços do Estado Novo em criar essa oposição política e até moral. Os periódicos empenhavam-se em fazer diversas críticas a sua estrutura de governo e principalmente a seu líder Josef Stalin, que sempre fora considerado uma ameaça para a demais nações do mundo. Essa constatação ficou evidente na análise das fontes, pois o comunismo foi criticado nas notícias verificadas, tanto em periódicos da capital (*Diário Carioca*), como no interior do Brasil (*A Voz de Chapecó*). Isso mostra que a rede de informações e assuntos controlados pelo governo, chegavam aos seus destinos embora fossem remotos para a época em comparação com a atualidade.

No final de 1941, se intensificando ainda mais em 1942, começaram a surgir as primeiras críticas mais pesadas ao nazismo por parte da imprensa metropolitana, em função dos ataques nazistas a embarcações nacionais, passando em 1942, a retratar fotos dos ataques dos submarinos alemães a navios brasileiros, com imagens fortes que atingiam muito mais o público do que palavras escritas, conforme cita JOÃO BARONE “Houve uma enorme repercussão pelo país diante das terríveis imagens, estampadas nos jornais, dos corpos das vítimas que chegaram com a maré nas areias das praias de Aracaju” (2013, p.15).

Embora as críticas aos alemães se intensificaram no decorrer da década de 1940, já em 1937 estes (e outras etnias em menor medida) sofriam perseguições aqui no Brasil. Getúlio Vargas, em meio a um influxo nacionalista, impôs uma campanha de nacionalização, com o objetivo de integrar imigrantes a cultura nacional. Dentre a exigências deste processo, as escolas só aceitariam professores brasileiros natos, ficando vedada o ensino e instrução por meio de outra língua, além do português, sendo também proibido falar uma língua estrangeira em público, principalmente o italiano e o alemão.

Com o acirramento do Conflito em 1942, e a definição dos inimigos nacionais (que aqui se configuram principalmente pelos alemães), o governo Vargas tomou medidas mais severas para com estes, isso ocasionou o encarceramento de muitos inocentes e a destruição de grande parte da cultura material desta etnia. Clarissa Mombach em seu artigo; *O Governo Vargas e suas implicações na produção literária teuto-brasileira*, discorre muito bem o assunto.

Em 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, as repressões ficaram ainda mais violentas, pessoas que não falassem português eram presas e parte da memória dos imigrantes foi destruída (jornais, revistas, livros, documentos, etc.). O isolamento relegado aos descendentes alemães em suas colônias passou a ser visto como um problema a ser amplamente discutido. Por não dominarem o português, por manterem escolas, cultos e missas em língua alemã e por normalmente casarem-se entre si, os descendentes alemães eram acusados de serem resistentes à integração nacional. (MOMBACH, 2012, p.02)

Essas medidas mais severas de Vargas contra os imigrantes alemães se “justificavam” através de “notícias de que o perigo alemão ameaçava o domínio brasileiro nas terras do sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). Tais veiculações davam conta de que a Alemanha possuía um plano estrategicamente traçado para a criação de uma Alemanha sul-americana.” (MOMBACH, 2012 p.2).

Essas fundamentações surgiram por existir membros do partido nazista concentrados principalmente na região Sul do Brasil, de acordo com a artigo acima citado, essa perseguição foi um tanto exagerada, pois o número de filiados efetivos ao partido nazista eram muito baixo em relação ao total de imigrantes que vieram ao país, não tendo um número de membros efetivos para ser um perigo real, sendo mais um caso de perseguição em favor da campanha de nacionalização e alinhamento da população com os Aliados;

Em todo o território brasileiro, o número de filiados chegou a 2.903 membros. Apesar de o Brasil ter tido a maior célula do partido nazista fora da Alemanha, esse número é pequeno quando levamos em conta que, segundo dados de Mauch e Vasconcelos (1994), o número de imigrantes alemães vindos ao Brasil de 1824 a 1969 foi de 250.166 pessoas, ou seja, pouco mais de 1% do total de imigrantes alemães se filiaram ao partido. (MOMBACH, 2012, p.03)

Após a declaração de guerra do país contra as forças do Eixo, foi criada a FEB, este regimento brasileiro veio a participar e executar várias missões na Itália em 1944 (quase no final do conflito), mas quando comparada com a participação dos principais beligerantes da Segunda Guerra Mundial, o Brasil e seu contingente no Conflito, ocupam um espaço muito modesto como combatente, sendo talvez mais expressiva sua participação com o fornecimento de matérias primas e locações geográficas para seus Aliados, conforme comenta Francisco Ferraz em seu artigo: *Considerações historiográficas sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: balanço da produção bibliográfica e suas tendências*:

Sua participação se deu em três modalidades: primeiro, como fornecedor de matérias-primas estratégicas para os Aliados; em seguida, cedendo, para uso dos Aliados, bases aéreas e navais no Norte e Nordeste do país; finalmente, após o afundamento de navios mercantes em pleno litoral brasileiro, por submarinos do Eixo e a declaração de beligerância, pelo envio de uma força expedicionária para combater no Teatro de Operações do Mediterrâneo. (FERRAZ, 2016, p. 209)

O Brasil de Getúlio Vargas, não seguiu ao lado do Eixo na Segunda Guerra Mundial, mas se utilizou muito das táticas nazifascistas na formulação de sua propaganda política e na própria organização do seu governo, através do uso e controle dos meios de comunicação, se faziam insinuações indiretas que ameaçavam ou direcionavam a população de forma relativamente velada, mantendo ou modificando seus discursos, a fim de obter o resultado esperado por meio de uma certa manipulação. Os jornais (depois do rádio) eram melhores meios disponíveis na época para atingir os sentimentos do povo, com uma informação que podia ser muito mais controlada que pelo rádio.

Getúlio Vargas percebeu que o Jornal era um meio político por natureza, um aparelho ideológico de Estado que eliminava as oposições pelo seu convencimento forçado e eficaz, o mesmo se utilizou dos jornais para criar uma imagem de um líder incontestável, bondoso e que se preocupava com o povo (populismo). Aos poucos quase toda a notícia formulada nos periódicos da época, era vistoriada ou elaborada pelo governo, conforme comenta Maria Helena Capelato no livro: *Repensando o Estado Novo* “O jornalismo transformou-se em uma força coordenada pelo Estado” (CAPELATO, 1999, p.174).

Segundo Louis Althusser, o discurso jornalístico configura-se, independentemente da época, enquanto um aparelho ideológico de Estado:

Designamos por Aparelhos Ideológicos de Estado um certo número de realidades que se apresenta ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. Propomos uma lista empírica destas realidades [...] podemos desde já

considerar como Aparelhos Ideológicos de Estado as instituições seguintes (a ordem pela qual as enunciamos não tem qualquer significado particular): O AIE religioso (O sistema das diferentes Igrejas), o AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares), o AIE familiar, o AIE jurídico, o AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos), o AIE sindical, o AIE da informação (imprensa, rádio--televisão, etc.), o AIE, cultural. (ALTHUSSER, 1970, p. 44).

Nesse sentido, esse controle de toda a informação produzida em uma sociedade, que é regulada e gerida por órgãos permanentes de segunda instância, visam criar um controle ou um poder de dominação ideológica sobre o coletivo. O governo se articula em várias camadas de poder, onde cada uma assume funções distintas em suas áreas de atuação, dentre estas camadas a imprensa ocupa um lugar especial, e é grande valia para uma estrutura de poder vigente, graças ao seu poder de formar opiniões e controlar as massas, por meio de um discurso associado a verdade.

Ao analisar a imprensa mais precisamente os periódicos, estamos diante de um problema pois estes documentos retratam acontecimentos de seu tempo, com a possibilidade das informações estarem (sempre) manipuladas, pois segundo Tania Regina de Luca “essas enciclopédias do cotidiano continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas” (PINSKY, 2010, p.112). Isso mostra o perigo de não filtrar ou analisar todo um contexto para saber se a informação é precisa ou não a respeito de um tema.

O jornal em sua “essência” (como um todo), se caracterizam por produzir e publicar anúncios, notícias e opiniões, estes acabam por atingir os mais diferentes grupos e interesses sociais. Como um meio de comunicação impresso, o jornal deriva de todo um conjunto de atividades e ações de um grupo, que por sua vez é denominado jornalismo. Esta área é marcada por uma comunicação própria, chamada de linguagem jornalística, que normalmente é de fácil compreensão para seu público alvo, ou seja, na maioria das vezes as massas populares.

Diante um governo como o caso do Estado Novo de Getúlio Vargas, certas informações e assuntos ficaram reclusos, fazendo com que a imprensa se limitasse a repassar apenas algumas informações normais do cotidiano, retratando uma imagem de prosperidade na sociedade, buscando não desestabilizar a ordem social, com notícias e matérias “perigosas” que criassem caos ou revolta na nação. “O que distingue os AIE do Aparelho (repressivo) de Estado, é a diferença fundamental seguinte: o Aparelho repressivo de Estado «funciona pela violência»,

enquanto os Aparelhos Ideológicos e Estado funcionam «ideologia».” (ALTHUSSER, 1970, p. 47).

Como já citado, os jornais em sua maioria acabaram por serem condicionados a reproduzir os discursos oficiais, sendo que no Estado Novo se tinha um imenso domínio sobre os jornalistas e editores dos jornais, ou os líderes do governo mantinham boas relações com os donos dos periódicos, lhes concedendo vantagens ou benefícios irrecusáveis. Assim, aos poucos, muitos jornais da época acabaram por se sujeitar ao modelo imposto, os que não se sujeitaram a censura imposta, acabaram sendo fechados e expropriados ao longo dos anos.

4. IMPRENSA NA CAPITAL E NO INTERIOR DO BRASIL (1939-1941)

4.1 CAPITAL: DIÁRIO CARIOCA

Dentre os inúmeros periódicos relevantes e de grande circulação do país no período da Segunda Guerra Mundial, podemos destacar o *Diário Carioca* (embora hoje o mesmo não exista mais), vindo mais tarde a figurar como um modelo para formar as bases do jornalismo brasileiro moderno.

Entre os aspectos que criaram a relevância frente a pesquisa, podemos lhe dar ênfase por ser um jornal da capital federal (na época Rio de Janeiro), ter sua circulação diária e extensa, além de destacar que sua estrutura de notícias tida como “completa”, tendo em suas edições sempre um número considerável de páginas, que abrangia os mais diversos assuntos e ramos da sociedade carioca e nacional, sendo divulgados sob uma perspectiva inovadora e crítica, conforme cita CECÍLIA COSTA;

Estavam lá no *DC*. As oito colunas. A pirâmide invertida. Os títulos criativos, debochados, em três linhas, puro *DC*. Os títulos com dois pontos. Ou sem verbo. Os títulos- legenda. [...] As primeiras páginas azuis. O manual de redação, outra criação ou legado de Pompeu à imprensa brasileira. As misses. O colunismo, o jornalismo literário, o suplemento infantil, o suplemento feminino, o apoio ao sindicalismo nascente no país, ao funcionalismo em sua angustiada campanha por melhores salários, a busca de interação com o leitor, os prêmios, os concursos, a carioquite brincalhona, uma incipiente “cobertura de cidade”. As fotos recortadas, os filminhos, as fotos de página inteira, tudo *DC*. Em cores. Em dado momento, até fileiras de quadrinhos em cores. (2011, p.19)

Nessa perspectiva, a História do jornal *Diário Carioca* começa em 1928. Fundado por José Eduardo de Macedo Soares, e que, segundo dados a seu respeito disponíveis na Biblioteca

Nacional, era natural de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, e era descendente de uma influente família latifundiária da região dos lagos.

O referido periódico não foi o primeiro trabalho de imprensa de Macedo Soares. Já em 1922, o mesmo criou o jornal *O Imparcial* após sair da Marinha. Esse jornal teve um período curto de circulação, mediante sua oposição e críticas aos governos do Marechal Hermes da Fonseca e Artur Bernardes. O dono do impresso acabou sendo preso, tendo sua redação fechada e tendo que se exilar na Europa por um período de tempo.

O jornal da capital federal, *Diário Carioca*, foi criado “em 17 de julho de 1928, na soleira da Revolução de 30” (COSTA, 2011, p.24). O seu principal objetivo de criação, foi para fazer oposição a Washington Luís e Júlio Prestes na corrida presidencial. Num gesto de leitura sobre informações bibliográficas a seu respeito, se percebe que o periódico se configurou como espaço discursivo crítico aos governos vigentes, quase sempre assumindo o papel de oposição;

Nos seus 37 anos de vida, esteve quase sempre na oposição. Denunciou desmandos administrativos, produziu crises institucionais, derrubou ministros – tudo em nome de valores, como liberdade, probidade, legalidade, em que Macedo Soares, o “Príncipe dos Jornalistas”, acreditava acima de tudo. (COSTA, 2011, p.10)

O papel mais relevante desse Jornal, e que fez seu nome ser lembrado até os dias de hoje, diz respeito a reforma do jornalismo carioca e conseqüentemente do jornalismo brasileiro, que fora iniciado por esse jornal, no ano de 1950. Com essa reforma, proposta inicialmente por Macedo Soares, foram introduzidos novos conteúdos e técnicas que modernizaram o jornalismo brasileiro, diretamente da capital federal, considerada o centro político e cultural do país, “deve-se àquele pequeno grande jornal carioca boa parte das inovações técnicas introduzidas na imprensa brasileira ao longo dos anos 1950 e que depois seriam adotadas pela concorrência sem citar autoria.” (COSTA, 2011, p. 13).

De acordo com informações recolhidas na análise da fonte, o *Diário Carioca* apresentou variação em relação a quantidade de páginas do impresso, de acordo com a edição ou pela necessidade de mais espaço para produzir notícias sobre o cotidiano do período, pois foram encontradas edições que geralmente se alternavam entre 8, 12 e, alguns casos, com 16 páginas.

Na análise da edição número 3849, referente ao dia 1 de janeiro de 1941, na página 04, foram encontradas algumas informações sobre o periódico, a direção do jornal estava sob o comando de Horácio de Carvalho Junior e J. B. Martins Guimarães, sendo que o chefe da redação, Danton Jobim. Os mesmos disponibilizavam todos os telefones referentes a estrutura do periódico para os leitores (números como; da redação, publicidade, administração, oficina e

redação), caso os leitores tivessem o interesse de divulgar algum material ou furo de reportagem, ali estaria um meio de contato.

Ainda falando sobre as informações encontradas na caixa de anúncio da edição número 3849, referente ao dia 1 de janeiro de 1941, na página 04, haviam informações referentes ao preço médio do jornal, tanto por assinatura ou venda avulsa, tanto o valor em território nacional ou como no estrangeiro, além de citar a abrangência do jornal, que se ramificava até Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, sendo que seu representante seria, Oswaldo Massote.

Nessa mesma nota foi encontrada a seguinte informação; “Correspondente Geral, percorre o interior do país a serviço desta folha o S.r. Romulo Perreta, nosso corresponde geral” (JUNIOR. p.01, 01 jan, 1941). Demonstrando que a perspectiva da estrutura e circulação do periódico era relevante, pois havia um interesse em retratar notícias além da capital federal, buscando assuntos que permeavam o interior do país. Mostra também que o Jornal possuía um certo poder aquisitivo considerável para o período, pois, certamente, não saia barato ter um correspondente circulando pelo interior em busca de matérias jornalísticas, por exemplo.

Outra informação encontrada nessa mesma página 04 da edição número 3849, referente ao dia 1 de janeiro de 1941, diz respeito a opinião do periódico frente a assuntos internacionais, no qual o diretor do impresso assume a responsabilidade sobre os comentários realizados; “Os comentários editoriais deste jornal, sobre assuntos internacionais, são de responsabilidade de seu diretor, dr. Horácio de Carvalho Junior” (JUNIOR. p.04, 27 fev, 1940). Isso possibilita pensar duas perspectivas, 1ª, o jornal afirma sua liberdade de expressão, já que seu diretor assume a responsabilidade das ideias formuladas pelo jornal, ou 2ª, assuntos internacionais, como a Segunda Guerra Mundial, deveriam ser controlados pelo diretor, já que eram assuntos polêmicos, frente ao Estado Novo e poderiam impactar na percepção sobre o cenário internacional, conforme a ideia formulada.

Com relação ao aspecto visual desse periódico, a partir da análise da fonte, se percebeu que seus desenvolvedores buscaram explorar este aspecto, em praticamente todas as edições analisadas (referentes ao recorte temporal da pesquisa), ao menos a capa do periódico se apresenta ilustrada, as vezes utilizando desenhos na forma de charges ou mapas explicativos (para evidenciar o desenrolar da guerra), assim como fotos de líderes políticos ou eventos importantes ocorridos na capital federal (já que a cidade do Rio de Janeiro sempre teve uma rotina agitada), isto sem mencionar as imagens que se encontravam na parte interna do jornal, sendo publicações que variavam de anúncios à coluna social.

Figura 1: Diário Carioca, 3 de junho de 1941.

O TEMPO
Além da Federal
Tudo publicado su-
bilmente e com me-
rito no decorrer do
dia, sem interrupção
V. N.º 122.7
Distribuição: 16.2.

12 PAGINAS 300 RÉIS

TERÇA-FEIRA
3
JUNHO

Fundador: J. E. DE MACEDO SOARES

ANO XIV RIO DE JANEIRO Diretor: HORACIO DE CARVALHO JUNIOR PRACA TRIDENTES, 77 N. 2.974

A SIRIA, PRÓXIMO TEATRO DAS OPERAÇÕES

Espera-se Que a Inglaterra se Antecipe ao Reich no Ataque ao Protetorado Francês Esperado de Um Momento Para Outros 'Transcendentais Acontecimentos'

Em Posição Ofensiva as Forças Britânicas Nas Fronteiras Sírias — Atmosfera de Excitação — A Turquia Espera e Deseja a Intervenção Britânica

— A França Entraria na Guerra ao Lado do Eixo

ESTAMBUL, 2 (U. P.) — Os despachos de imprensa avisavam esta noite que na Síria, onde se espera que de um momento para outro se verifiquem acontecimentos de "importância transcendental", prevalece uma atmosfera de excitação.

AS FORÇAS BRITÂNICAS
Fizem essas notícias que as forças britânicas desfiladas sobre os três Estados da Síria — Iraque, Transjordânia e Palestina — foram consideravelmente reforçadas nos últimos dias.

Tudo isso veio incentivando o interesse que despertaram as notícias de que os britânicos se preparavam para ocupar a Síria, antes que o E. F. Hitler possa enviar suas forças para esse protetorado francês.

Os sírios turcos assistiam a satisfação com que se acolhera a ocupação da Síria pelas forças britânicas de vez que se considerava a sequência das comunicações com a Turquia. Alguns disseram a não deixar escapar, se fortalhecia a posição do país contra o perigo que importava a presença de forças alemãs que o cercavam em seu maior parte.

NORMALIZADA A SITUAÇÃO NO IRAQUE
Está se reestabelecendo, rapidamente, a nor-

malidade no Irã. O príncipe Abdu'l Illah, re-empesado na regência, casou hoje no exército do governo, emul-til-til-til — que regressou ontem com ele a Bagdá — a missão de formar o novo gabinete, cuja constituição se espera de um momento para outro. Jamil-Filad e contendo pelas suas constituições, at- glosios.

diplomou-se, também, que o jovem rei Feisal II regressou à sua capital, num trem espe- cial, procedendo do norte do país.

EM POSIÇÃO PROXIMA O Q. G. DE DE GRÁVILLO
A imprensa turca se ocupa da delicada situação que impera em todo o Oriente Próximo e informa que o Quartel General de De Grávillo nesta região foi transferido do Cairo para Haifa, sob a direção do general Lathrop, chefe dos franceses livres em todas estas zonas.

Ao mesmo tempo, os sírios, já res- pondem energicamente às implicações feitas pelo cavaleiro de Suez e a Turquia, a qual se não se ter espantado de franceses da Cruzada regular de mana, a pedido da Grã-Bretanha, agindo como mero instrumento da política de Londres.

A GUERRA NA AFRICA
As Tropas Britânicas Reiniciaram as Atividades Em Tobruck e Solum

MAPA GERAL DA SITUAÇÃO, destacando-se as posições dos beligerantes na fronteira da Líbia e do Egito, onde se vêm tra- zando violentos combates nos arredores de Solum, pela sua importância estratégica e o território da Síria, próximo tea- tros da luta, assumindo-se a rota que, provavelmente, será seguida pelos alemães em direção aos pólos de petróleo do Iraque

Fonte: Hemeroteca Nacional, Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/093092/per093092_1941_03974.pdf.

Na produção das notícias do cotidiano ou temas gerais (que normalmente figuravam nas páginas intermediárias ou finais, assim como a maioria dos periódicos), se percebeu que o jornal *Diário Carioca* aparentava assuntos diversos, devido à dimensão da cidade do Rio de Janeiro; havia toda uma ênfase em anúncios filmes, teatros ou shows, que apareciam na forma de cartazes ilustrados, que, por vezes, tomavam um espaço considerável da página variando de tamanho conforme a importância do evento.

Nessa sessão também se encontrava a coluna social, no qual comentavam a realização de eventos no Rio de Janeiro, que contavam com a presença de “pessoas ilustres da cidade”, membros da elite que, geralmente, eram “pessoas veladas”, mas acabavam sendo mencionadas nesses episódios para se obter uma ênfase positiva ou integrativa na comunidade, dado sua participação no evento beneficente, por exemplo. Esse tipo de matéria condiz com a afirmação de Cecília Costa; “o *DC* era um jornal de elite, de poucos leitores, relativamente, mas de enorme influência” (2011, p.10), e evidencia que o jornal poderia ter um público alvo direcionado ou que financiasse parte de suas operações, e o obter retorno a partir da influência deste periódico, mas a todo modo deve-se levar em consideração que essas práticas de aliança civil englobando situações de influência são comuns a todos os jornais.

Outros assuntos corriqueiros que figuravam nas páginas do jornal DC, diziam respeito a atos do governo, notícias de fatos ocorridos na cidade, esportes, loterias (que abrangiam um

grande espaço do jornal, por sua propaganda e resultados), venda de terrenos e até poemas. Isso mostra que o periódico abrangia diversos setores e buscava retratar um apanhado geral da sociedade carioca.

Além de toda essa gama de assuntos abordados, em algumas edições, o jornal trazia colunas com os títulos “A Guerra dia a dia” (muito comum e suas edições) ou em um caso especial (encontrado na edição nº 3.483, do dia 15 de outubro de 1939) o enunciado “A Situação Mundial”, sendo um texto que fora organizado pela agência nacional, e apenas exposto do *Diário Carioca*.

Com relação ao primeiro enunciado, essa primeira de uma série de reportagens sobre o desenrolar do Conflito saiu no dia 21 de maio de 1940 e segundo a mesma; “Iniciamos hoje a publicação diária de sessão “A Guerra Dia a Dia” na qual procuraremos resumir e coordenar o nosso amplo noticiário sobre as operações militares. Os nossos leitores terão, assim, uma visão de conjunto dos principais acontecimentos da frente, além do serviço normal de informações que as agências telegráficas nos enviam.” (JUNIOR, p.01, 21 mai, 1940)

Nessa perspectiva, o objetivo dessa reportagem é fazer um resumo dos “principais acontecimentos” relacionados a Segunda Guerra Mundial e políticas governamentais. Percebesse que os mesmos acreditam na influência de seu periódico, ao comentar sobre seu “amplo noticiário”, demonstram que o consideram um jornal de grande circulação ou de conteúdo massivo.

Outro aspecto observado, diz respeito às agências de telegrafia (que eram indispensáveis para o trabalho na imprensa), e o seu papel no repasse das informações de locais distantes, uma ferramenta crucial em “tempos de guerra”, dada a urgência de obter informações e ficar à frente de seu inimigo. Embora a proposta das reportagens (sob esse título) fosse diária, em edições futuras deixou de existir. Uma hipótese levantada é que o título já não comportaria todos os ramos que o conflito atingia, se fazendo necessário criar outros enunciados. Essa afirmação se comprova na análise da fonte, pois em edições posteriores esse título deixa de aparecer com frequência, e em seu lugar aparecem outros títulos diferenciados uns dos outros, formando uma grande quantidade de produção de informações e notícias sobre a guerra, e que normalmente ocupariam as 3 ou 4 primeiras páginas do jornal.

Vale ressaltar que esse enunciado diz respeito a um compilado de informações que foram organizados pelos próprios idealizadores do *Diário Carioca*, no ano de 1940, ou seja um período inicial do conflito, em que não havia a ideia de que a Guerra se tornaria mundial, por

isso, a percepção sobre a notícia é que a mesma é marcada por certa tentativa de “imparcialidade”.

Muito semelhante ao segundo caso relacionado a notícia sob o título, “A Situação Mundial”, que fora organizada pela Agencia Nacional e apenas exposta no *Diário Carioca*. Nesse texto a tentativa de produzir um discurso em tom de imparcialidade fica mais explícita, pois a todo um cuidado com a escrita e uso das palavras, assim como os temas abordados, que se resumem apenas a ações militares já consumadas e políticas adotadas pelos governos envolvidos no Conflito.

Ou seja na leitura dessas duas perspectivas, uma organizada pelo Estado e outra por uma associação civil, se percebeu um mesmo cuidado com as palavras e um distanciamento crítico dos envolvidos, que buscou não evidenciar um posicionamento (ao menos nos primeiros anos do Conflito). A única diferença de estrutura textual percebida, é que a Agencia Nacional aborda primeiro a situação das forças do Eixo (em especial a Alemanha), para somente depois falar dos Aliados (principalmente os Estados Unidos). Já a notícia formulada pelo diário faz o caminho inverso, primeiro comenta a situação dos Aliados e posterior a do Eixo.

Embora não houvessem críticas diretas aos respectivos governos envolvidos na fase inicial do Conflito, essa “preferência” por escrever sobre um “lado” antes do outro, pode mostra algo sobre o alinhamento ideológico e feição política dos formuladores e organizadores das notícias, ou informações que iriam circular nas páginas da imprensa nacional.

4.2 INTERIOR: A VOZ DE CHAPECÓ

A partir das considerações feitas em relação ao papel da imprensa em âmbito internacional sobre a Segunda Guerra Mundial, segue-se a análise da fonte principal de pesquisa: notícias no período da Guerra, sendo nesse caso o jornal chapecoense intitulado *A Voz de Chapecó*. Seus exemplares datam do ano 1939 a 1941, e estão disponíveis para consulta pública no Centro de Memória do Oeste Santa Catarina – CEOM / Unochapecó.

O jornal *A Voz de Chapecó*, foi um semanário (edição semanal) de proposta independente, foi fundado em 3 de maio de 1939, e circulou até o ano de 1949 (porem parou suas atividades em determinados momentos de sua jornada por motivos desconhecidos). Mesmo assim, ao longo de seus 11 anos de atuação, contou com mais de 300 edições (esse dado foi baseado no acervo do CEOM e nos anos que atuou).

Figura 2: 1ª edição do jornal *A Voz de Chapecó*, Ano I, nº 01, p.01, 03 de maio de 1939.



Fonte: CEOM/ Unochapecó.

Conforme é possível visualizar na figura 2, o seu apelo visual no que diz respeito as ilustrações era muito discreto e simplificado (se compararmos com o jornal *Diário Carioca*), pois em raras ocasiões eram apenas utilizadas imagens para retratar políticos, no máximo raras vezes Getúlio Vargas e o interventor do Estado Nereu Ramos e outros assuntos que eram publicidade paga. O periódico chapecoense possuía um formato *standard* (modelo com as dimensões de 60 cm de largura por 55 cm de altura), que era dobrado ao meio para formar quatro páginas.

Como o próprio nome já diz, é original da cidade de Chapecó, no Oeste catarinense. Na época o periódico exercia suas atividades em uma redação, que também era a oficina de produção dos impressos, e estava localizada na Avenida Getúlio Vargas, que é um dos principais logradouros da cidade.

O diretor e fundador do jornal era o advogado Vicente da Cunha, que, segundo uma propaganda sobre seu trabalho, que está disponível no periódico na edição 38, na p. 01, ano I de publicação, era “Provisionado, após o exame, pelo tribunal de apelação de Santa Catarina. Inscrito na Ordem dos Advogados do BRASIL. Trata de causa cíveis, *comerciales*, *criminaes*, *orfanologioas*, cobranças, inventários, divisão, demarcação de terras. Advocacia em geral –

Defende no júri.” Ou seja, era uma pessoa muito atuante na cidade, tanto pelas funções que exercia, como advogado e por ser capaz de gerir um periódico influente na região, pois seu nome é citado em reportagens de outros ramos da cidade, como o Esporte Clube Chapecoense e colunas sociais.

O dono do jornal, Vicente da Cunha dividia as funções do periódico com o gerente Otavio Silva. Os mesmos vendiam o jornal na forma de uma assinatura semestral ou anual, sendo que por uma assinatura de seis meses o leitor deveria pagar 7 mil cruzeiros, e por uma assinatura anual 12 mil cruzeiros (um valor que pode ser considerado alto para a época, em função da realidade local).

Os objetivos do Jornal, bem como os compromissos para com o povo chapecoense, são apontados inúmeras vezes pelos seus organizadores em suas edições iniciais, que pareciam buscar formar a imagem de um jornal “íntegro e altruísta”, segundo informação resgatada no próprio periódico, em sua edição número 01, no dia 03 de maio de 1939:

Três motivos levaram seus fundadores a fazer circular A VOZ DE CHAPECÓ: - JUSTIÇA - PROGRESSO - VALOR - motivos estes que se completam para atingir o alvo desejado, o tem de estar de uma terra e de uma gente! As intenções são altruístas, despidas de interesses pessoais, restando, por isso, agora, que o povo chapecoense saiba aquilatar das dificuldades que rodeiam seu jornalzinho, animando-o com sua aceitação, com seu auxílio, para que assim se realize, se consolidando um bem coletivo (CUNHA, p.01, 03 mai, 1939).

Essa citação diz muito sobre o compromisso assumido pela imprensa (sobretudo pelos jornais) perante o governo no Estado Novo, ao destacar o progresso como uma de suas virtudes. Outra informação que pode-se retirar desse discurso diz respeito aos temores e dificuldades que poderiam existir perante a aceitação do público leitor, mitigando de forma velada um auxílio para que o jornal fosse “aceito como um meio de comunicação coletivo por parte povo chapecoense, buscando de certa forma de estreitar os laços pra conquistar os leitores desses espaço limitado”: “O jornal do interior, por sua vez, desempenha um papel ainda mais particular frente ao leitor. Ao possuir uma convivência próxima do receptor, o jornal do interior caracteriza-se como um instrumento fundamental na conquista da população. (SILVA, p.02)

Com relação a população de Chapecó entre 1939 a 1941, resgatou-se a informação, de acordo com dados contidos no artigo: *Chapecó: estrutura e dinâmica de uma cidade média no oeste catarinense*, da autora CAMILA FUJITA; a cidade de Chapecó no ano de 1940 contava com 4,128 habitantes na área urbana, e 40,199 no interior, totalizando 44,327 habitantes.

Esses dados demonstram que a área urbana ocupada por habitantes era muito reduzida na época, sendo que a grande maioria de seus habitantes estavam dispersos em 14 distritos dispersos pelo interior, e que pertencem região oeste catarinense; hoje compreendem os municípios: Xanxerê, Xaxim, Guatambu, Campo Erê, Abelardo Luz, Mondai, Faxinal dos Guedes, Dionísio Cerqueira, Caxambu, Itapiranga e São Carlos. Naquele período, chegar até esses outros locais, era uma tarefa difícil, se levarmos em conta a situação precária e rarefeita das estradas (sendo que essas condições ruins eram expostas em vários editoriais do periódico) e os meios de locomoção limitados dificultavam a comunicação.

Esse contingente reduzido de habitantes na área urbana, conseqüentemente reduzia muito o percentual de sujeitos totalmente alfabetizados, que por sua vez afetava o número de leitores dos impressos, bem como sua vitalidade econômica e social. Talvez seja por esse “público menor”, reflexo de uma cidade pequena, fez com que o jornal *A Voz de Chapecó*, figurasse como destacado meio impresso de relativo alcance na microrregião de Chapecó; assumindo, tanto compromissos, como alianças políticas e de propaganda local e estatal: “o jornal *A Voz de Chapecó* predominou por 11 anos como único periódico em circulação. Atuava como dispositivo não somente do poder local, mas controlando e representando os interesses estatais.” (LAZAROTTO, 2017, p.03)

A partir de análise da estrutura do jornal, percebe-se que o impresso se moldou acompanhando as mudanças na imprensa do Brasil no século XX, baseando-se em um molde empresarial, apresentando um discurso extremamente contrário a ideologia comunista, e defendia o setor comercial e as grandes empresas, além de ter ligações explícitas com políticos locais e estaduais e de ajudar na regulação da vida chapecoense, através de muitas matérias tendenciosas de “modelação comportamental social”.

Nessa fonte de pesquisa, se realizou uma análise dos principais assuntos da época, que giraram na capa do jornal *A voz de Chapecó*, para isso foram revisadas 10 edições, referentes ao período de 10 de março a 3 de junho do ano de 1941; são as respectivas edições 77 até a 86, que dizem respeito ao ano II de vida do jornal, percebendo esse período no mesmo momento em que a Segunda Guerra Mundial explodia e avançava na Europa.

A seguir desdobraremos um gráfico classificatório porcentual sobre as principais notícias que giraram na capa do jornal *A Voz de Chapecó*, neste recorte temporal selecionado:

Figura 3: Gráfico notícias de capa do jornal A Voz de Chapecó (Edição 77 a 86).



Fonte: Rafael Luiz Albani.

Ao analisar os resultados percentuais do gráfico sobre as notícias publicadas, temos uma noção de quais assuntos eram mais abordados no Jornal. Nota-se que mesmo no clima intenso de combate na Europa, apenas 5% das notícias eram destinadas a esse tema, o que é relativamente pouco se pensarmos sua abrangência em todo o mundo e sua importância para o país, em função de suas relações comerciais com os envolvidos (claro, estas notícias, por vezes, apareciam com mais intensidade no meio do jornal, mas pela importância do fato, deveriam ter mais atenção e figurar em sua capa).

Percebe-se que somando a propaganda estatal, comentários destinados a líderes locais, outras figuras políticas e as próprias notícias ligadas diretamente a figura de Getúlio Vargas, alcança-se um percentual de 42 %, ou seja quase a metade de todas as notícias de capa do jornal *A Voz de Chapecó* tinham um apelo político. Estes números mostram que este periódico estava cumprindo integralmente a tarefa de popularizar a imagem positiva do governo e seu líder, por meio dessa imposição do Estado através da informação.

Com o propósito de popularizar a imagem de Getúlio Vargas como o grande “salvador” da nação, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP -, grande responsável pela difusão de sua imagem através dos jornais, revistas, cartilhas

escolares e programas de rádio acessível em todo território nacional. No entanto, para que os meios de comunicação assumissem o caráter ideológico proposto por este governo, fez-se necessário à imposição do Estado, de maneira que toda a imprensa se colocasse a seu serviço. A censura aos meios de comunicação propiciou ao governo um caráter homogêneo de informação, moldando a sua maneira, o que o povo deveria ou não saber. (ROCHA, 2004, p.01)

Por serem matérias de capa, são estas notícias que tem o primeiro contato com o público leitor, e que, por sua vez, lhe chamaram mais atenção, por isso eram e são consideradas mais importantes para formar a opinião pública, pois as opiniões políticas expressas na capa fazem parte de um discurso, direcionado a um público alvo, essas ideias por vezes aparecem com uma fala manipuladora, que visa prender o leitor que consome as informações; moldando a opinião pública. “O jornal tende a ter um público e a fomentar uma opinião, em um complexo jogo que visa a conquistar um público cada vez maior, aumentando sua influência, penetração e poder dentro da sociedade em que ele atua e dos grupos que visa a atingir.” (LAPUENTE, 2016, p.09). Essa manipulação do discurso se intensifica quando pensamos em notícias de capa dos jornais, em meio a censura nos governos autoritários do Brasil, como por exemplo, neste mesmo período escolhido, que está relacionado com o Estado Novo.

Já as notícias cujos “assuntos do cotidiano” giram em torno da saúde pública, coluna social, esportes, assuntos indígenas, assuntos jurídicos e econômicos, somam 34 %, sendo de certa forma, pouco produzidas, pois esses temas englobam os mais diversos setores, e eram abordados de forma discreta em relação a assuntos políticos, figurando geralmente nas páginas ocultas. Mas deve se levar em conta que havia uma censura forte neste período e certos temas, que viessem a ser críticas ao sistema, não seriam bem vistas pelo controle discursivo do Estado Novo.

As notícias destinadas exclusivamente a Getúlio Vargas somaram 7%, um número expressivo, se considerarmos que mesmo sendo o presidente, era “apenas uma figura pública representativa”, e portanto seria um aprecio político. O conteúdo dessas reportagens diziam respeito principalmente a sua campanha de nacionalização (já que a mesma se apresentava muito forte na região, em função da região de Chapecó ser um território de fronteira e de forte colonização italiana e alemã, era um local que necessitava de atenção nacional), os discurso de Vargas para a nação e até mesmo uma homenagem do jornal *A Voz de Chapecó* para o presidente no dia 20 de abril de 1941, sendo que a data do seu aniversário foi no dia 19 do mesmo mês, demonstrando reflexos populistas.

Os líderes políticos locais eram quase sempre citados de alguma forma ou em alguma parte do Jornal, em quase todas as edições, mas, por vezes, apareciam nas capas do Jornal, que

somaram 5 % das edições, o que é um número expressivo, se comparamos toda a gama de assuntos cruciais internacionais que necessitavam de atenção no momento, como a Segunda Guerra Mundial, que somou os mesmo 5% e assuntos econômicos que estavam em alta, e não receberam tanta atenção, senão quase nenhuma comparativamente.

Esse dado demonstra que os organizadores do jornal e seus idealizadores políticos, tinham um forte comprometimento com a elite econômica local, que nos leva a pensar que o jornal A Voz de Chapecó não era tão independente (pelo menos na edição) como sua proposta afirmava, pois defendia e enaltecia os empresários do município, de acordo com LAZAROTTO:

O jornal A Voz de Chapecó [...] estruturando-se a partir do molde capitalista, empresarial, servindo as grandes empresas, sobretudo, aquelas que regulam a vida política. Tendo como fundador o advogado Vicente Cunha e idealizadores representantes do comércio do município da época, este meio comunicação foi liderado, durante um bom tempo, pela elite chapecoense, entre eles, o Coronel Ernesto F. Bertaso. (LAZAROTTO, 2007, p.03)

Os assuntos indígenas citados, somaram junto aos 5% no gráfico, um número baixíssimo se pensarmos na quantidade de relações e conflitos Inter étnicos do período da colonização. Correspondiam a uma série de reportagens que eram idealizadas neste espaço, e falavam de modo etnocêntrico sobre a cultura e história dos povos indígenas, como um falso discurso de proteção, em função do extermínio e das epidemias que dizimaram sua população. Conforme cita Marlene de Fáveri:

Em Santa Catarina [...] índios e caboclos foram expulsos, na maioria das vezes com violência, como discorre Eunice Nodari, ao historicizar a entrada dos colonos, vindos do Rio Grande do Sul no Oeste do Estado, no primeiros cinquenta anos do século passado. Os atritos entre índios e brancos foi violento, pois, com a ocupação das terra pelos colonos, os índios foram sendo expulsos e exterminados, processo que avançou até as primeiras décadas do século XX. (FÁVERI, 2005, p.40)

Por essas reportagens sobre os indígenas serem regulares (estando no cronograma de publicações do periódico), alcançavam um número até expressivo, já que o contexto indígena está inserido na sociedade chapecoense. Esse assunto recebia uma porcentagem equiparada as informações de Guerra, deve se levar em conta que neste período escolhido o Conflito se apresentava uma fase de intensos combates na Europa.

Contando com 5 % do espaço a área dos esportes também era efetiva, o conteúdo de suas notícias, eram referentes principalmente aos primórdios do Esporte Clube Chapecoense, assuntos como as eleições de novas direções e convocações para assembleias públicas que

ocorriam na sede social do clube e estavam aberta ao público em geral. Já que Vicente da Cunha estava envolvido na direção do clube, os textos eram regulares!

Com relação aos 7% de notícias sobre saúde pública, esses assuntos eram retratados em forma de um guia de informações, com dicas e soluções práticas para o público leitor. Esses dados giravam em torno dos cuidados para se ter uma boa alimentação e a higiene, sobretudo no cuidado que os pais deveriam ter com seus filhos.

Os assuntos da comunidade regional eram 17%, sendo que seu principal conteúdo se referia, tanto a notícias pertinentes a outros municípios vizinhos, como, Itapiranga, Campos Novos e Coronel Freitas, quanto a assuntos sobre o estado das estradas, bem como as propostas e reivindicações para construção de mais quilômetros, para as ligações entre os municípios da região (já que para a época era crucial, pois se apresentavam como o único meio de acesso para outras regiões, nesse extremo Oeste de Santa Catarina nos anos 1940). Outros assuntos que eram referentes a essa percentagem, dizem respeito ao correio do estado, no qual o Jornal faz uma crítica (audaciosa, se pensarmos na censura) aos seus serviços que estavam parados, e uma outra referente a criação de uma biblioteca pública na cidade de Chapecó.

Um dado interessante é que apenas uma notícia sobre crime circulou na capa de jornal neste recorte de 2 meses, isso se deve ao fato de que a pessoa assassinada era um sujeito influente na comunidade indígena, o que gerou muita repercussão, além do âmbito local. Isso demonstra que o periódico queria deixar de lado uma imagem negativa da região de Chapecó, pois geralmente esse tipo de notícias apareciam em uma nota muito pequena, de entremeio do jornal.

Na leitura das notícias se nota certo comprometimento do Jornal com questões políticas, pois eram pontuais em exaltar a figuras locais influentes, assim como o próprio presidente da república, na época Getúlio Vargas, esses auxiliavam sua campanha para conquistar a comoção do povo, e também, a aceitação das medidas impostas pelo Estado Novo. Logo essa ideia entra em choque com a concepção de que o jornal *A Voz de Chapecó* era independente, pois assim como em todos os jornais nacionais, na época, a censura foi muito rígida e até mesmo jornais autônomos, em regiões de fronteira, afastados dos centros urbanos, se viam obrigados a reproduzir um discurso oficial e conservador, como é o caso deste jornal escolhido.

5. NOTÍCIAS DE GUERRA EM CHAPECÓ (1939-1941)

5.1 Discurso jornalístico chapecoense em meio a Guerra

Para a realização desse trabalho foram resgatadas 16 notícias sobre a Segunda Guerra Mundial, que circularam no jornal *A Voz de Chapecó*. A primeira notícia selecionada é referente ao ano I de publicação, e é datada no dia 18 de dezembro de 1939, e a última é referente ao ano III no dia 23 de julho de 1941, totalizando um recorte temporal de 1 ano e 8 meses. Porém neste trabalho, foram analisadas apenas 4, sendo uma referente a cada ano de edição do jornal, com o intuito de perceber elementos de mudanças e permanências no pensamento dos sujeitos formuladores das ideias ao longo dos primeiros anos da guerra, em relação aos envolvidos.

Ao analisar as notícias como fonte histórica, se buscou perceber as informações e o conteúdo que as mesmas traziam sobre a Segunda Guerra Mundial, bem como a visão ideológica do jornal, sobre os personagens envolvidos e os aspectos políticos, que formulavam a opinião do periódico, momento em que o Brasil não estava envolvido diretamente na Grande Guerra.

Texto da 1ª Notícia da Segunda Guerra Mundial estudada, jornal *A Voz de Chapecó*, ano I, nº 24, p. 04, 18 de dezembro de 1939.

Batalha Naval

No dia 14 do corrente mês, feriu-se a primeira batalha naval da atual guerra, no Oceano Atlântico Sul, nas águas territoriais da República do Uruguai, entre três navios de guerra ingleses, contra o chamado Cruzador de bolso alemão Amiral von Spee.

Este navegava na costa brasileira, quando foi avistado pelo cruzador inglês Exeter, que andava a procura daquele.

Logo iniciaram combate de artilharia e o alemão levava vantagem, estando próximos ao Rio da Prata. Pouco depois chegaram outros dois cruzadores ingleses de nomes Avon e Ajax, os quais também fizeram fogo contra o alemão, um dos quais avançou adiante da cortina de fumaça, procurando diminuir a distância do adversário.

Finalmente o Amiral von Spee se recolheu ao porto de Montevidéu, tendo sofrido muitos danos pelos mísseis que o atingiram na ponte de Comando e máquinas e com um oficial e 36 marinheiros mortos, todos moços, sendo um de 17 anos e a maior parte de 19 e 20.

Os cruzadores ingleses, sobretudo o Exeter, também foram atingidos pelos projéteis de artilharia e sofreram danos, mas ficaram no mar, a espera que o alemão saísse.

Depois ainda chegaram outros cruzadores ingleses e franceses.

Seria questão de direito internacional surgiu, porque o vapor alemão não poderia permanecer no porto neutro mais de 24 horas, mas no estado em que se achava não podia navegar.

O governo do Uruguai prorrogou aquele prazo a 72 horas, o qual terminou na 2ª feira, e aí o Amiral von Spee para não ser internado, isto é, ter de ficar no porto, desarmado, com a tripulação, até terminar a guerra, saiu ao mar e o comandante e oficialidade, compreendendo que não poderiam escapar, nem lutar com vantagem contra tantos navios inimigos, desembarcaram em escaleres e fizeram afundar o grande Cruzador, com bombas explosivas, para não perecer as balas do inimigo.

A oficialidade e marinheiros alemães eram aproximadamente em número de mil e parte ficou em Montevideu e outros seguiram para Buenos Aires, capital da República Argentina.

Fonte: CEOM/ Unochapecó.

A primeira notícia do Conflito que circulou no *A Voz de Chapecó*, e que foi recuperada, é referente ao dia 18 de dezembro de 1939, sendo logo no ano I de publicação do jornal, em sua edição número 24. Essa primeira nota do periódico vem sob o título “Batalha Naval”, no qual é retratado o combate naval que aconteceu no Oceano Atlântico do Sul, em águas territoriais uruguaias, cujos envolvidos formam três navios de guerra ingleses e um cruzador (grande navio de guerra) alemão chamado *Amiral Von Spee*.

Conforme o periódico o cruzador alemão navegava pela costa brasileira quando foi interceptado por navios ingleses, acabou rumando para a costa do Uruguai. Neste relato pode se perceber que havia um interesse da marinha alemã na América do Sul, pois conforme cita Marlene de Fáveri:

Nos anos de 1930 e 1940, após a ascensão do nazismo e com Hitler no poder (1933), o perigo de uma invasão alemã na América do Sul passou a ser considerada real – mesmo porque as ideias imperialistas do *Fuhrer* não escondiam o desejo de tornar a Alemanha um império poderoso. (FÁVERI, 2005, p.41)

Ao analisar esse texto do jornal, percebe-se a predominância de um discurso pouco crítico aos acontecimentos: movimentação em águas sul-americanas (e conseqüentemente muito próximos a territórios brasileiros), pois mesmo com “esse medo de uma invasão alemã ao território”, o sentido do discurso parece tender a um deslocamento, evitando a crítica. Ainda segundo o jornal, o cruzador alemão foi destruído no porto uruguaio pelos próprios alemães, após estes sofrerem muitas avarias e a tripulação ser obrigada a destruí-lo, se rendendo, para procurar asilo em território uruguaio e argentino, até acabar o conflito, pois estavam em menor número.

O excerto: “Mesmo porque as ideias imperialistas do *Fuhrer* não escondiam o desejo de tornar a Alemanha um império poderoso.” (FÁVERI, 2005, p.41), evidencia uma relação linguística: ideias imperialistas / um império poderoso; que apontam o “tom imperialista” predominante no período e que, por isso mesmo, acaba se tornando a justificativa política

(imperialismo) dos ataques alemães. Dando uma impressão de que estavam os alemães em sintonia com as ideias políticas e econômicas: guerra, expansão, imperialismo, domínio.

Essa expansão imperialista por meio do domínio com o uso da Guerra, é justificada por Hitler como um meio para que sua raça não apenas sobreviva, mas prospere e tenha conforto e toda a segurança necessária ao longo desse processo. Na interpretação de Ivo A. Maioli e nas próprias palavras do líder alemão, este não visa apenas a condição do presente, mas sim o futuro da Alemanha como uma grande nação, para Hitler, conquistar novos territórios é acima de tudo é uma questão de honra.

O dever fundamental dessa raça superior, não é somente o de sobreviva, mas também o de expandir-se. O Estado “deve garantir à raça que ela cumpre uma finalidade sobre este planeta”. A Alemanha tem que possuir toda a terra que for necessária para que o seu povo tenha conforto e segurança. [...] “uma vez que sem extensão de solo, uma grande nação se veja condenada à ruína”. [...] “honra racial exige território, e território bastante”. (MAIOLI, 2004, p.06)

A segunda notícia de Guerra que foi analisada nesse trabalho, corresponde a uma matéria de capa e contra capa, referente ao dia 30 de outubro de 1940, sendo a publicação número 64, no ano II de existência do Jornal. Esse texto traz muitos dados e pode ser considerado extenso, pois, se percebeu ao analisar as outras publicações do jornal, que o mesmo não trazia notícias sobre a guerra, já fazia algum tempo, por isso o seu texto é mais massivo.

Texto da 2ª Notícia da Segunda Guerra Mundial estudada, jornal *A Voz de Chapecó*, ano II, nº 64, p. 01-04, 30 de outubro de 1940.

A Guerra

Alguns leitores do nosso jornal reparam que não temos dado notícia da guerra, em que estão envolvidos Inglaterra, Alemanha e Itália. Resolvemos hoje explicar que assim procedemos de caso pensado.

Verdade que a tempos passados demos uma ou outra notícia desse grande acontecimento, que vem conturbando a humanidade e destruindo vidas e patrimônio das nações.

Atendemos a que não podemos influir em coisa alguma, para solução desse gigantesco conflito.

Se um dos beligerantes vencer, não o temos ajudado e a derrota do outros, nenhuma culpa nos caberá.

O governo brasileiro declarou a neutralidade do país.

Esse é o nosso pensamento.

Certo é que o sr. Roosevelt, Presidente da República Norte Americana, disse que se pode ser neutro nos atos, mas não nos sentimentos.

É uma verdade.

Mas, o Brasil e os brasileiros não podem esquecer que sempre fomos amigos da Alemanha e da Itália e também que, com a Inglaterra, o país teve e mantém vultuosos

negócios, havendo grande soma de capital inglês empregado na Indústria Nacional, especialmente em vias ferrosas.

Inglaterra foi sempre fornecedora de dinheiros quando os estadistas brasileiros de chapéu na mão, lhe foram mendigar para atender as necessidades ou de orgias das antigas administrações.

Surpreendemo-nos que jornalista ou advogados brasileiros vivam a escrever a favor da Alemanha Hitlerista.

Provavelmente assim se exibem esses escribas de última hora, porque não leram o *Main Kampf*, de Adolfo Hitler, ou então leram e não compreenderam.

E se compreenderam e assim procedem, pior para eles, mas nós nada temos a ver com isso. O sr. Hitler prega a doutrina de superioridade das raça e, além das raças inferiores, há também diz ele, o povos mestiços incapazes de feitos louváveis, indignos de independência ou do exercício de qualquer direito, sem permissão daqueles que devem governa-los.

Ora, o povo brasileiro é um produto de cruzamentos e mestiçagem.

Será necessário dizer mais alguma coisa para justificar que nossos patrícios não podem esposar a doutrina hitlerista?

O caráter brasileiro não teme confronto, nem cede em princípios de dignidade a quem quer que seja, mas isto não impede que haja muito brasileiro senvergonha.

Infelizmente.

Fonte: CEOM/ Unochapecó.

Na leitura da mesma, se percebeu que alguns dos leitores do jornal *A Voz de Chapecó* já questionavam os editores do jornal, sobre o porquê deles não divulgarem notícias sobre a Guerra que acontecia na Europa. Essa constatação mostra que a população, mesmo do interior de um território de fronteira já estava preocupada com os rumos e a dimensão que a Guerra podia alcançar. Pensando nisso o jornal resolveu explicar ao leitor os motivos de não trazerem notícias da Guerra.

Inicialmente os redatores lembram o público que de tempos em tempos haviam repassado aos seus leitores, algumas notícias sobre esse grandioso Conflito que vinha “conturbando a humanidade, destruindo vidas e patrimônios das nações”. Porém exemplificam que os mesmos editores não provem condições para a solução desse Conflito, por isso devem se manter neutros, segundo uma doutrina nacional de neutralidade frente a Guerra e seus envolvidos, pois o jornal tenta seguir o pensamento ideológico que a nação, e se eximindo de qualquer culpa frente aos possíveis resultados. O jornal ainda ressalta como a indústria nacional mantém boas relações econômicas com vários os países envolvidos como; Alemanha, Itália e a Inglaterra, e como o Brasil por muito tempo dependeu dos financiamentos ingleses, nas antigas administrações do país.

Adentrando a segunda parte da notícia, o jornal ressalta como os veículos jornalísticos nacionais ou até advogados tem uma preferência por escrever em favor da Alemanha Nazista, talvez muito se deve ao fato de que “As vitórias da Alemanha encorajaram aqueles que a

apoiavam nas Américas e aumentaram o apoio político de que ela gozava. Tais vitórias tinham que ser levadas a sério pelos líderes dos países neutros em seus planos para o futuro.” (MOURA, 2012 p.58). Essa afirmação evidencia que algumas pessoas ou entidades que possuíam um acesso maior as informações da Guerra e seu desenrolar, passaram a direcionar seus textos buscando uma não crítica ou até mesmo defender os atos da Alemanha, em função do medo de que palavras ou ideias contrárias pudessem chamar a atenção e criar um inimigo poderoso. Logo, essa complacência com Hitler pode ser interpretada como uma estratégia de sobrevivência. Entretanto os editores do jornal “*A Voz de Chapecó*” não concordam com estas pessoas, e os caracterizam como mal-intencionados ou talvez pouco informados, citando o “*Mein Kampf*”, como algo fora de cogitação e que não deve ser seguido.

Nesse momento o jornal faz uma crítica direta a Adolf Hitler, condenando sua doutrina de superioridade das raças, essas ideias pejorativas do líder alemão também são evidenciadas por Ivo A. Maioli:

As teorias raciais e nacionalistas de Hitler: raça como fundamento de todo o progresso humano, e pureza de sangue como fundamento da raça. "O povo não perece por perder guerras, mas pela perda daquela força de resistência, que é contida apenas no sangue puro." A raça mais alta, a criadora exclusiva da cultura moderna, é a ariana ou nórdica, que se corporifica da maneira mais pura nos alemães. É dever sagrado dos germânicos manter essa pureza e assegurar a sua supremacia sobre as raças inferiores que os rodeiam. (2004, p.06)

Os editores do periódico criticam o pensamento do líder alemão, pois este diz que os sujeitos mestiços ou não arianos são incapazes de feitos louváveis e indignos de direitos, independência e propriedade, os caracterizando como seres secundários. Assim, os autores do texto fomentam que o povo brasileiro é um produto de cruzamentos e mestiçagem, e que não se consideram indivíduos inúteis para a sociedade. Por isso afirmam, que se os brasileiros abraçarem essa doutrina de superioridade das raças estarão cometendo um erro, pois ressaltam que o nosso povo é digno e não irá ceder nesses princípios, porém ainda na última linha, afirmam que há muitos brasileiros “senvergonha” que podem auxiliar a expansão dessas ideias de preconceito, isso talvez seja uma prerrogativa das perseguições que haveriam aos imigrantes alemães e italianos no Estado Novo.

A terceira notícia de guerra analisada vem sob o título “a guerra”. O seu conteúdo pode ser considerado extenso, pois ocupou um espaço considerável da página do jornal a mesma aborda vários temas que vão desde os países envolvidos e seus líderes, locais de combates e ações militares efetuadas.

Texto da 3ª Notícia da Segunda Guerra Mundial estudada, jornal *A Voz de Chapecó*, ano II, nº 79, p. 01, 30 de março de 1941.

A Guerra

Como sabem os leitores a guerra em que estão envolvidos a Alemanha e Itália, de um lado, contra a Inglaterra e seus domínios, de outro lado, prossegue em toda a sua intensidade.

Os bombardeios recíprocos de aviação, a luta no mar, se estendendo pelo Oceano Atlântico a fora e no mar Mediterrâneo, é continua.

A Alemanha após ter ocupado a Noruega, Dinamarca, Holanda e Bélgica, conquistando Polônia e França, que tirando todas as resistências que lhe foram opostas, conseguiu obter a adesão do Japão na formação do bloco Tripartido.

A Inglaterra enfrentou a rajada. Ameaçada de invasão em seu território pelas forças de seu principal inimigo, neutralizou os ataques que lhe foram desferidos e por sua vez, deslocou, ou ampliou, o campo de luta, iniciando forte contra ofensiva a outro inimigo, a Itália, no mar mediterrâneo e no Norte da África.

A Itália visou exercer a sua ação de boa vizinhança e camaradagem á Grécia e quis lhe tomar o território.

Os gregos ofereceram tenaz resistência e levaram os seu bons vizinhos a lutarem na Albânia, o pequeno país da praia do mar Adriático, tempos antes conquistado pelas forças fascistas.

Paralelamente a isso o Hailé Salassié, que tinha perdido também se trono da Etiópia. Levou, com o apoio dos ingleses, a guerra de reconquista de seu território e de seu trono.

A Luta prossegue intensamente, tendo a Inglaterra conseguido a solidariedade dos Estados Unidos da América do Norte, não ainda como aliado de guerra, mas, como o auxílio de todos os elementos para essa luta encarniçada, onde todos os beligerantes estão perdendo, vidas preciosas e valores extraordinários, e só a Rússia de Stalin vai auferindo lucros. Não sabemos, não calculamos, onde iremos parar.

A Alemanha conseguiu a adesão na Romênia, da Hungria, da Bulgária ao seu bloco tripartido, constando que a Iugoslávia seguiu o exemplo desses ditos países.

A Turquia e Rússia permanecem como incógnitas, até quando? Difícil responder.

Consequentemente Romênia e Bulgária estão ou são países ocupados pelo poderoso amigo, Iugoslávia segue esse caminho.

A Inglaterra vai resistindo e os seus homens representativos dizem confiar na vitória. Hitler, em nome da Alemanha, declara que esta triunfará. O futuro decidirá.

Enquanto isso, crianças, mulheres e velhos são estrangulados, cidades inteiras destruídas por bombas explosivas que caem dos céus, e Stalin, o chefe de todas as Russias ri em seu Palácio do Kremlin, fazendo inveja a Satanás, porque ele é o pai e criador desta guerra.

Fonte: CEOM/ Unochapecó.

Logo no primeiro parágrafo, o texto da notícia ressalta a notoriedade e conhecimento dos leitores a cerca intensidade da “Guerra” que se desenrola principalmente na Europa, isso mostra que os leitores ou habitantes dessa cidade isolada (Chapecó) já tinham uma certa informação ou curiosidade sobre o Conflito. Ainda nesse primeiro ponto são ressaltados três principais envolvidos sendo eles a Alemanha e a Itália, de um lado, e a Inglaterra e seus domínios no outro lado.

Logo abaixo são citadas ações militares que envolvem bombardeios por meio do uso pesado da aviação e também combate no mar por meio dos navios de guerra. São citados como palco dessa campanha militar o Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico.

No terceiro parágrafo a notícia se dedica a relatar as ocupações da Alemanha na Noruega, Dinamarca, Holanda e Bélgica, e também a conquista da França e Polônia após a acabar com as resistências que foram impostas aos alemães. Percebesse que o jornal evidenciou a diferença dos dois casos, pois em um foi uma ocupação ou seja sem uma resistência armada já no caso dos dois últimos foi conquista pois houve combate. Ainda nesse ponto é afirmado a adesão do Japão a Alemanha e Itália para formar o “Eixo”.

Seguindo com a notícia, foi é a vez da Inglaterra ter um lugar de destaque no texto. Nessa parte são ressaltados os esforços eficientes desta nação em defender e repelir os ataques de seu principal inimigo (Alemanha). Evidenciando como esta logrou êxito em se defender dos ataques alemães, e ao mesmo tempo pode ampliar sua zona de luta, para o Mar mediterrâneo e Norte da África, onde teve que enfrentar um novo inimigo a Itália, que ameaçava suas colônias na África. Essa afirmação do jornal relacionada a Inglaterra se mostra verdadeira quando a comparamos com a declaração de Ivo A. Maioli em sua obra; A História da Segunda Guerra Mundial, no qual afirma que:

O fracasso do ataque aéreo de Hitler à Inglaterra, que representou uma grande vitória para a RAF, era, entretanto, apenas parte da história. Compreendia-se claramente que uma defesa eficiente consistia em algo mais do que apenas repelir o inimigo. O principal erro na filosofia da Linha Maginot foi justamente não haver reconhecido esse fato. Era um erro em que a Inglaterra não pretendia incidir. Os seus métodos de defesa não eram passivos, mas dinâmicos, e consistiam não somente em repelir o assaltante, mas hostilizá-lo com contra-ataques até o limite de seus recursos. (2004, p.147).

No quinto e sexto parágrafo são comentadas ações da Itália e Grécia, por meio de um certo sarcasmo o texto afirma uma “política de boa vizinhança da Itália” com os gregos. O que a notícia quis retratar na verdade foi a aproximação da Itália e a tentativa de conquista do território da Grécia. Ainda nesta parte o jornal afirma e enaltece que os gregos ofereceram uma “tenaz resistência” para os italianos, os repelindo de seus domínios e os forçando a lutar na Albânia, um país que já estava sob o domínio da Itália, e agora se via ameaçado por uma conquista grega.

Após essas afirmações, o jornal volta a comentar sobre a Inglaterra. Em um primeiro momento fala sobre as suas ações para manter sua influência na Etiópia, ameaçada pela Itália. Logo em seguida é ressaltado o papel dos “Estados Unidos da América do Norte” como um

apoiador da Inglaterra, não como um aliado no Conflito, mas como um fornecedor de material bélico para que esta possa suportar o esforço de Guerra.

Ainda nesse espaço, os autores tratam a guerra como uma luta mortífera, que só gera prejuízos humanos e econômicos para os beligerantes. Neste momento é citado Stalin e a Rússia como o único país que está tendo “lucro” com a Guerra, essa crítica aparece de forma meio vaga, pois os autores não afirmam o porquê e como os russos estão tendo lucro com o Conflito. Neste primeiro momento da Guerra (1939-1941) a crítica Rússia é perceptível como muito incisiva, pois ao tratar desse país a sempre um comentário negativo, preocupado ou inserto quanto a sua inclinação política no futuro, geralmente associados a “incógnitas”.

Na parte final da notícia são mencionadas novamente a Alemanha e a Inglaterra. Em um primeiro momento são ressaltadas as adesões da Bulgária, Romênia, Hungria e Iugoslávia com os alemães (Eixo) numa tentativa de manter a soberania sobre seus territórios, deixaram ser “ocupados pelo poderoso amigo”. Já na parte que confere a Inglaterra o jornal afirma que estes estão resistindo aos ataques e estão confiantes na vitória, assim como os alemães também estão. Neste momento o jornal não tomar partido e apenas escreve que “o futuro decidirá”, deixando claro uma neutralidade.

No último parágrafo o jornal retoma uma visão negativa da guerra, ressaltando que “crianças, mulheres e velhos” estão perdendo suas vidas de formas cruéis, e que também cidades inteiras estão sendo destruídas por bombardeiros, numa tentativa de mostrar que mesmo quem não se envolve na guerra sofre os efeitos desta. Para fechar esta notícia, na última frase novamente há uma crítica a Stalin, afirmando que este desfruta dos resultados da guerra na segurança do Kremlin, e que seus atos “fazem inveja a Satanás” pois o jornal considera que ele é o “pai criador desta guerra”.

Na leitura geral desta reportagem datada de 30/03/1941, se percebe uma ênfase em dois países, a Alemanha e a Inglaterra. Estes dois são tratados com um certo respeito, pois enquanto os alemães são representados como um poderoso exército que ocupa ou conquista todos os países a sua volta, a Inglaterra é retratada com uma força que repele e defende com força seus territórios. Já no caso da Rússia e Stalin, como observado em outras notícias, estes recebem duras críticas do jornal que os tratam como criadores da guerra e que estão se aproveitando do resultados para seu próprio lucro.

A quarta e última notícia de Guerra analisada nessa pesquisa, é datada do dia 3 de junho de 1941, sendo a edição número 86, no ano II de publicação do jornal. Essa notícia foi a mais extensa encontrada e traz um poema geral sobre o que é a guerra e algumas dados sobre o

andamento da mesma, muitas dessas informações repassadas foram obtidas através de outros jornais brasileiros (como pode ser percebido ao longo da leitura de outras notícias, que eram transcritas de outros veículos de comunicação, como o *Correio do Povo*, no Rio Grande do Sul) e no final traz algumas ideias sobre os envolvidos.

Texto da 4ª Notícia da Segunda Guerra Mundial estudada, Jornal *A Voz de Chapecó*, Ano II, nº 86, p. 01-04, 3 de junho de 1941.

A guerra

É a guerra aquele monstro que devasta as fazendas, sangue, das vidas e quanto mais come e consome menos o farta.

É aquela tempestade terrestre que leva os campos, as casas, as vilas, os castelos, as cidades, e talvez, em um momento de sorte os reinos e monarquias inteiras.

É a guerra aquela calamidade, composta de todas as calamidades etc. etc.

São palavras clássicas do Padre Antonio Vieira, o grande mestre da língua portuguesa.

O exército alemão com auxílio dos italianos, realizou a conquista dos países balcânicos.

Em poucos dias, em avanço fulminante, foram dominadas a Yugoslavia e a Grécia.

Os (inelegível) tinham levado auxílio militar aos seus aliados iugoslavos e gregos em total de sessenta mil soldados, e, após forte resistência, foram obrigados a retirar-se da Grécia, repetindo o episódio trágico de Dunquerque, em menores proporções.

Depois dessa campanha épica e extraordinária, os alemães ocuparam diversas ilhas do mar Egeu e, ultimamente, empreenderam a conquista da grande ilha de Creta, onde setinha refugiado o Governo e o remanescente do Exército Grego e parte de forças inglesas.

Foram transportadas de início milhares de soldados alemães paraquedista e material de guerra por via aérea, e também por mar.

Outra página de heroísmo aí foi escrita na história dessa guerra stalinista, tendo os alemães ainda levado a melhor parte, embora com ingentes sacrifícios.

Na Abissínia aquele Haíle Salassié, imperador deposto pelos italianos, no ano de 1935 conseguiu recuperar seu trono e seu país, com o auxílio dos ingleses.

O exército italiano, sob o comando do Duque de Aosta após ingentes esforços e lutas gloriosas, foi obrigado a capitular diante de seus inimigos inglês, que lhe reconheceram o valor, permitindo que os oficiais italianos conservassem suas espadas.

Esse mesmo gosto tiveram os alemães com seus inimigos gregos.

No Norte da África forças italo alemães, contra atacando na Líbia, retomaram aos ingleses Benghazi, Derna e Bardia e avançaram contra Tobruck que coroaram, mas aí estacionou sua marcha vitoriosa.

Há quase um mês lutam os beligerantes desesperadamente nos arredores dessa cidade, sem conseguirem os atacantes tomar a cidade ocupada pelos ingleses.

A batalha chamada Atlântico prossegue na sua grandiosidade. Um grande encontro naval verificou-se entre a Islândia e a Groelândia, na qual chocaram-se os maiores navios de guerra do mundo.

Logo no primeiro disparo de canhão, na distância de 20 quilômetros, o super couraçado alemão Bismark teve a sorte inaudita de atingir o depósito de pólvora do supercouraçado inglês Hood, produzindo fulminante explosão, que destruiu a gigantesca nau inglesa. Depois dessa proeza a esquadra alemã bateu em retirada, sendo perseguida pelo outros navio ingleses, os quais, conseguiram destruir o poderoso inimigo, afundando o Bismark ao segundo dia de perseguição. A Alemanha festejava o afundamento do Hood, quando chegou a notícia da destruição do Bismark.

Enquanto isso, Stalin é ditador russo, pai e criador desta guerra que o sr. Hitler é o executor, continua fazendo inveja a Satanás.

Fonte: CEOM/ Unochapecó.

Na primeira parte da notícia sobre a Segunda Guerra Mundial, os editores do jornal trazem uma poesia do Padre Antônio Vieira, que foi um grande mestre da língua portuguesa. Nesse poema ele aborda a Guerra como um monstro que devora vidas e fazendas, uma tempestade que devasta campos e castelos, e que uma Guerra é composta por todos os tipos de calamidades possíveis. Essa primeira afirmação do jornal, quer repassar para o leitor, a ideia de negatividade na guerra e sim apenas prejuízos, tanto materiais, como no lado humano. Isso pode ser um meio para controlar anseios mais fervorosos frente ao Conflito, já que nossa região tem uma alta taxa de imigrantes italianos e alemães, figuras principais do Conflito, que poderiam vir a arrebatam pessoas em nosso território.

Após a escrita do poema, o texto segue com relatos pontuais do andamento da Guerra, ressaltando inicialmente a junção entre o exército italiano e alemão e as suas conquistas nos territórios bálticos, que incluíam a Grécia e a antiga Iugoslávia, bem como o deslocamento de milhares de homens, tanto por vias aéreas, terrestres e marítimas.

Outra informação resgatada e relatada de forma imparcial, é referente as batalhas navais que aconteceram no atlântico, e os respectivos afundamentos dos maiores navios de Guerra do mundo (na época); o Bismark alemão e o Hood inglês.

Nas primeiras horas da manhã seguinte foi iniciado um combate a longa distância, havendo em ação um dos mais velhos couraçados britânicos, assim como o mais novo de todos. Uma granada atingiu o Bismarck na proa, provocando um incêndio. O Prince of Wales em seu primeiro encontro recebeu algumas avarias, ainda que de pouca monta. O velho cruzador de batalha Hood, o maior navio de guerra do mundo, foi entretanto vítima de um destino adverso. Um tiro disparado no limite do alcance determinou um impacto que o Almirantado qualificou de "extremamente infeliz", o qual atingiu um ponto vital da mal distribuída blindagem do Hood, alcançando o paiol de munições. Com uma explosão tremenda, a grande belonave rebentou em pedaços, perdendo-se praticamente toda a tripulação. (MAIOLI, 2004, p.241)

Ao verificar a parte final desta notícia, percebe-se que o jornal passa a defender os atos de conquista nazista, os tratando como atos de heroísmo e sacrifício, para acabar com essa guerra “stalinista”. O jornal, em suas próprias palavras, considerava que “Stalin o ditador Russo, pais e criador desta guerra, de que o Sr. Hitler é o executor, continua fazendo inveja Satanás” (A Voz de Chapecó, nº 86, p. 04, 3 de junho de 1941). Essas palavras mostram que os editores queriam fomentar (assim como quase todos os meios de comunicação da época no

Brasil) um ódio ao comunismo e aos atos (cruéis) de Stalin, apresentando o líder russo como o criador dessa Guerra que ceifou a vida de milhões no mundo.

Na perspectiva do periódico, Hitler se apresentava apenas como um executor do conflito, como se ele não tivesse escolha e de certa forma legitimavam seus atos de conquista e barbárie frente aos seus inimigos (claro deve se levar em conta que ninguém sabia dos horrores do Holocausto, até aquele momento), e essa ideia entra em choque, quando a comparamos com o pensamento de HOBSBAWN “Em termos mais simples, a pergunta sobre quem ou o que causou a Segunda Guerra Mundial pode ser respondida em duas palavras: Adolf Hitler. (1995 p. 35).

Por meio das notícias se percebeu a que os editores buscavam dar ênfase em alguns personagens ou nações envolvidas na Guerra. A Alemanha ou Hitler são citados em todas as notícias analisadas, ora retratados como totalitários, em outros momentos como um poderoso exército que luta e conquista espaços por não ter opção. A Inglaterra aparece como uma armada prestigiosa, que protege seus domínios e repele todos os ataques nazistas. Já Stalin e a URSS, são retratados como os vilões da história, costumeiramente acusados de serem os causadores da guerra e de estarem lucrando com ela.

Na análise dessas reportagens se percebeu uma mudança de pensamento sobre os envolvidos ao longo do conflito, bem como tendências e opiniões diversas sobre os envolvidos. Em uma primeira fonte se percebe um discurso levemente neutro, ou seja não há nenhuma crítica aos personagens do combate. No segundo discurso se percebe uma crítica ao pensamento nazista. Na terceira notícia, novamente um discurso que busca a imparcialidade e na última fala, temos um pensamento legitimador ou favorável aos atos de Hitler. Essas comparações mostram que em um período de seis meses as opiniões dos editores do jornal mudavam bruscamente, conforme o conflito tomava novas faces.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Os periódicos aparecem como relatos do cotidiano das sociedades, suas informações tem muito valor histórico para a pesquisa, mas ao mesmo tempo podem trazer riscos ao trabalho do historiador, suas notícias (que englobam a esfera política, pública e por vezes a privada) geralmente apresentam um discurso tendencioso, direcionado ou até mesmo falso, que visa interferir no contexto social, bem como atingir seus interesses frente ao público leitor e a sociedade que consome esta informação.

Na análise do jornal *A Voz de Chapecó*, se percebeu que este foi por muito tempo a única forma de imprensa na região Oeste de Santa Catarina, e cumpriu seu papel político frente ao Estado Novo, enaltecendo as políticas de Getúlio Vargas e as propostas de seu governo. E ao mesmo tempo auxiliou o repasse da informações nacionais e regionais, assumindo posições políticas frente aos interesses de uma elite empresarial local que geria aquela sociedade.

A estrutura do periódico, bem como sua edição podem ser considerada simples para os padrões de hoje, mas não para a época. O jornal contava apenas com dois funcionários encarregados da escrita e sua organização, e mesmo assim entregavam um conteúdo que sempre girava em torno das 4 páginas, sendo um número expressivo para a época e a região de fronteira que circulava, e apresentava quase todos os elementos e variações de reportagens que apareciam na imprensa nacional no mesmo período, mas de forma simplificada. Um exemplo de contraponto, é o próprio *Diário Carioca* que mesmo sendo um jornal da capital federal (dada toda sua relevância e acontecimentos diários) apresentava edições com 8 páginas.

As hipóteses formuladas no início da pesquisa apresentaram alguns resultados a partir da análise das fontes. A primeira suposição feita foi que as primeiras notícias de Guerra apresentavam uma neutralidade no discurso, evitando uma crítica direta aos participantes do “Eixo”. De fato os primeiros discursos eram totalmente neutros em relação aos países envolvidos, porem com o avançar do conflito e a exposição da teoria da superioridade racial (ariana), o jornal critica Hitler, pois são ideias contrarias a origem e estruturação da própria sociedade brasileira, tida como um produto de “mestiçagem”.

A segunda proposição feita foi que o Estado Novo de Getúlio Vargas não criticou a Alemanha nazista em função de sua organização estatal e ideologia ser muito parecida a do líder alemão. Esta hipótese não está totalmente certa, pois vai muito além disto. O fator decisivo para esta não crítica ao nazismo nos primeiros anos da Guerra, gira em torno da exploração da economia a partir do comercio, já que a Alemanha era um dos principais parceiros comerciais do Brasil, além disso está não critica pode ser associada a uma estratégia de proteção, ou seja, não havia a necessidade de despertar a ira de um possível inimigo muito poderoso.

A terceira hipótese levantada é que Chapecó estava marcada por um isolamento geográfico que limitou muito seu acesso a informação, ao passo que a capital federal, na época Rio de Janeiro o conflito foi acompanhado de forma mais intensa. Esta suposição é notória, principalmente após a análise do jornal *Diário Carioca* (como contraponto), pois sem sombra de dúvidas a guerra impactou muito mais os centros urbanos do que áreas do interior, seja tanto pela produção de informações sobre o conflito, como pelo impacto social e interesse do público

sobre as notícias de Guerra. Entretanto, não só na capital houve uma formulação própria da notícia, foi perceptível que em Chapecó que os editores do jornal também criavam espaços no texto, onde sua opinião própria era exposta.

Nesse repasse das notícias da Segunda Guerra Mundial em Chapecó, percebeu-se que havia até um certo ponto, uma reprodução de reportagens e ideias de outros veículos de informação que chegavam de outras partes do país até os editores deste periódico, porém o jornal por vezes apresentava suas ideias e interpretações sobre o conflito, sobretudo em relação aos líderes envolvidos.

A quarta suposição levantada, é a de que o jornal local tinha sua própria organização, porém utilizava ou seguia modelos de jornais de maior circulação do país. Sim, o impresso organizava seus assuntos em uma ordem distinta a apresentada pelo periódico da capital, apresentando os assuntos a sua maneira.

A quinta e última hipótese era a de que a Segunda Guerra Mundial ou na época, Guerra Europeia, em seus primeiros anos (1939-1941) impactaram pouquíssimo a sociedade chapecoense. De fato esses primeiros instantes da guerra não foram abordados com a devida atenção que o conflito merecia, ficando evidente a partir da análise do gráfico, onde apenas 5% das notícias de capa da edição 77 a 86, no ano de 1941, eram destinadas a guerra. Essa temática competia com assuntos políticos regionais e nacionais que somaram ao todo 42%, mostrando que assuntos internos eram expostos mais incisivamente que assuntos externos. Apesar do jornal não expor tal assunto, os próprios leitores do periódico o questionam por não haver mais notícias do conflito, evidenciando que o rumor da Guerra já estava presente nesta sociedade.

A principal diferença entre as duas fontes analisadas; *A Voz de Chapecó* e *o Diário Carioca*, pode ser caracterizada pelo seu espaço de localização, disponibilidade de recursos e vida social. Enquanto o jornal de Chapecó apresentava suas notícias de forma mais resumida e com um apelo visual simples, o jornal da capital seguia o caminho oposto, em função de dispor de mais recursos e ter uma vitalidade econômica maior acumulada ao longo do tempo.

Quando foram analisadas as notícias sobre a Guerra, pode-se notar que a posição política do jornal *A voz de Chapecó* mudou ao longo do tempo, conforme o conflito tomava outros rumos na Europa. Por exemplo, em uma primeira notícia temos um jornal levemente imparcial, que buscava evitar a crítica, na segunda já se percebe uma leve crítica ao nazismo (em função de se contrapor a um ideal mestiço da nação brasileira), na terceira novamente um discurso neutro focado em dois países: Alemanha e Inglaterra e na última edição resgatada percebesse que o jornal tende a não criticar o nazismo (em função deste ter acumulado muito poder, e uma

crítica ruim podia gerar efeitos colaterais) e este passa a criar um novo inimigo, através da figura de Stalin e o Comunismo.

Na leitura geral do jornal *A Voz de Chapecó* percebe-se um jornal político partidário, que acabou gerindo os debates no oeste catarinense (por existirem poucos meios) servindo aos interesses de um público local específico (empresários), modificando seus discursos sobre os envolvidos ao longo da Segunda Guerra Mundial, diante dos rumos que o conflito tomava, evitando sobretudo criar temas polêmicos que viessem chamar a atenção dos controladores estatais da informação (DIP), que viessem lhe causar a censura.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Lisboa: Biblioteca Universal Presença, 1970.

BARONE, João. **1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida**. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 2013.

BONET, Fernanda S. **O envolvimento do Brasil na II Guerra Mundial através das páginas da revista “Cultura Política”**. Porto Alegre: IV Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – PUCRS, 2009.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Propaganda Política e Controle dos meios de Comunicação**. In: Repensando o Estado Novo. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. 345 p.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2013.

COSTA, Cecília. **Diário Carioca: O jornal que mudou a imprensa brasileira**. Rio de Janeiro; Cadernos da Biblioteca Nacional, 2011.

DALCASTAGNE, Marcos. **A Segunda Guerra Mundial e as políticas econômicas no Brasil**. Florianópolis: UFSC, 2015.

FÁVERI, Marlene. **Memórias de uma (outra) guerra: Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra Mundial em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

FERRAZ Francisco C. A. **Considerações historiográficas sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: balanço da produção bibliográfica e suas tendências**. Florianópolis: Revista Esboço, 2016.

FERREIRA, Giovandro M. **Contribuições da análise do discurso ao estudo de jornalismo**. Compós. 2015, p.13.

FORNER, Oscar M. C. **A mídia como arma de guerra durante a Segunda Guerra Mundial**. Rio Grande do Norte: temática, 2017.

FUJITA, Camila. **CHAPECÓ: estrutura e dinâmica de uma cidade média no oeste catarinense**. Porto Alegre: PUCRS, 2013.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**; Tradução: Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. Porto Alegre: 10º Encontro Nacional de História da Mídia/ UFRGS, 2015.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **A Imprensa como Fonte: apontamentos teórico metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica**. Fortaleza: Bilros, 2016.

LAZAROTTO, Aline F. **O jornal a “Voz do Oeste” e o discurso de proteção à infância desvalida na década de 1940 em Chapecó**. Florianópolis; III Seminário Internacional História do Tempo Presente/ UDESC, 2017.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil contemporâneo**. 9 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

MAIOLI, Ivo A. **História da Segunda Guerra Mundial**. Compilação e Pesquisa, 2004.

MOMBACH, Clarissa. **O Governo Vargas e suas implicações na produção literária teuto-brasileira**. Florianópolis; Revista eletrônica literatura e autoritarismo, 2012.

MOURA, Gerson. **Relações Exteriores do Brasil: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Brasília: FUNAG, 2012.

OLIVEIRA, Camila F. P. **A política externa do governo Vargas durante o Estado Novo e a construção da companhia siderúrgica nacional**. França: História e Cultura, 2015.

PINSKY, Carla B. **Fontes Históricas**. São Paulo; Editora Contexto, 2008.

ROCHA, Simone. **O poder da linguagem na Era Vargas: O abrasilhamento do imigrante**. Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul: Unisul. 2004.

SILVA, Marcos P. **A representação da Segunda Guerra Mundial na imprensa do interior paulista: um caso de enquadramento.** Bauru – SP: UNESP.

REFERENCIA DAS FONTES:

CUNHA, Vicente. **A Voz de Chapecó**, Chapecó, p.01, 03 de maio de 1939.

CUNHA, Vicente. Batalha Naval. **A Voz de Chapecó**, Chapecó, p.01, 18 de dezembro de 1939.

CUNHA, Vicente. A Guerra. **A Voz de Chapecó**, Chapecó, p.01-04, 30 out. 1940.

CUNHA, Vicente. A Guerra. **A Voz de Chapecó**, Chapecó, p.01, 30 mar. 1941

CUNHA, Vicente. A Guerra. **A Voz de Chapecó**, Chapecó, p.01-04, 3 jun. 1941.

CUNHA, Vicente. **A Voz de Chapecó**, Chapecó, p.01, 10 mar. 1941.

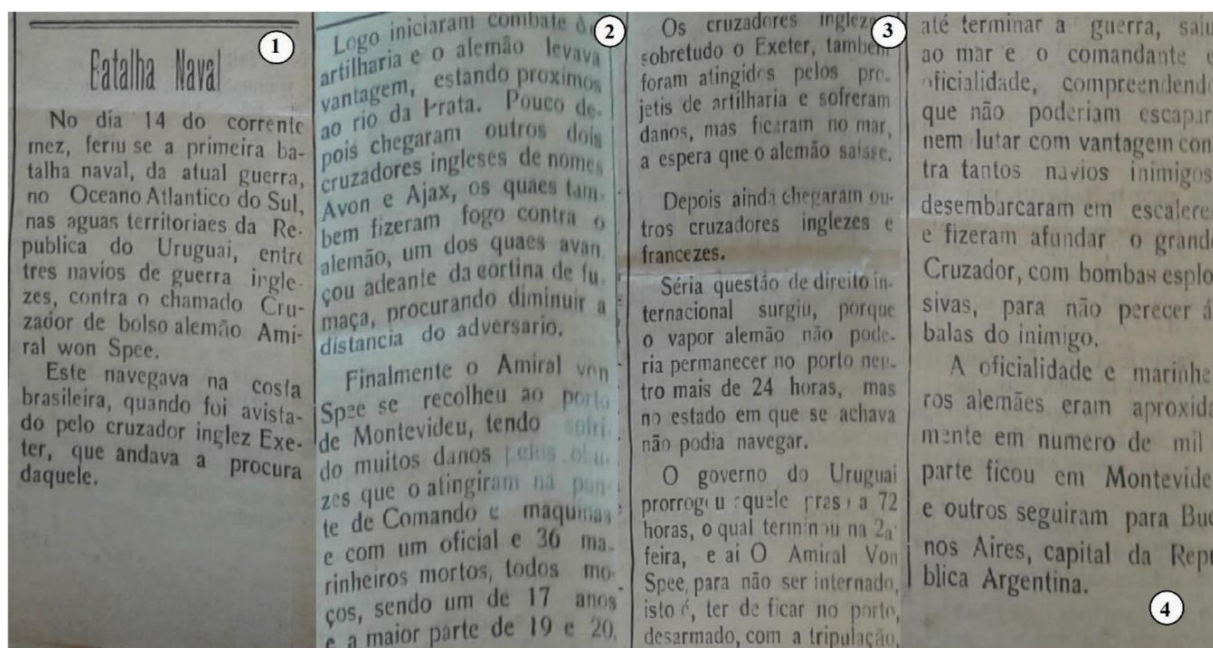
CUNHA, Vicente. **A Voz de Chapecó**, Chapecó, p.01, 3 jun. 1941.

JUNIOR, Horácio C. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p.01, 27 fev. 1940.

JUNIOR, Horácio C. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p.01, 21 mai. 1940.

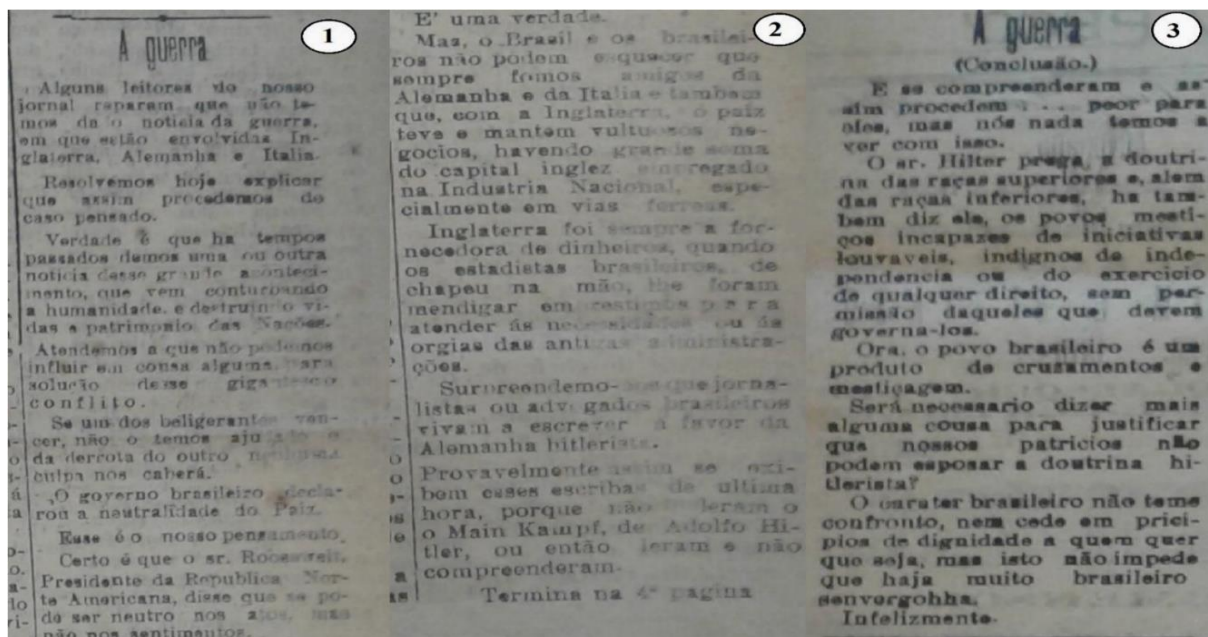
ANEXOS:

Figura 4: 1ª Notícia da Segunda Guerra Mundial estudada, jornal *A Voz de Chapecó*, ano I, nº 24, p. 04, 18 de dezembro de 1939.



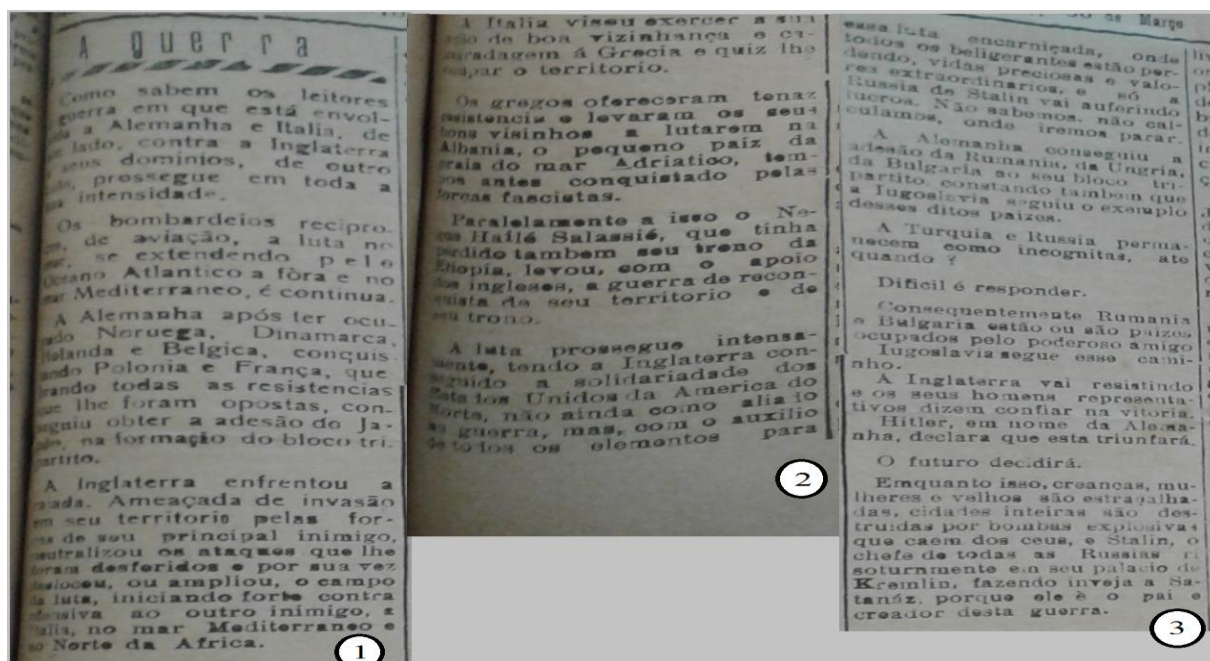
Fonte: CEOM/ Unochapecó.

Figura 5: 2ª Notícia da Segunda Guerra Mundial estudada, jornal *A Voz de Chapecó*, ano II, nº 64, p. 01-04, 30 de outubro de 1940.



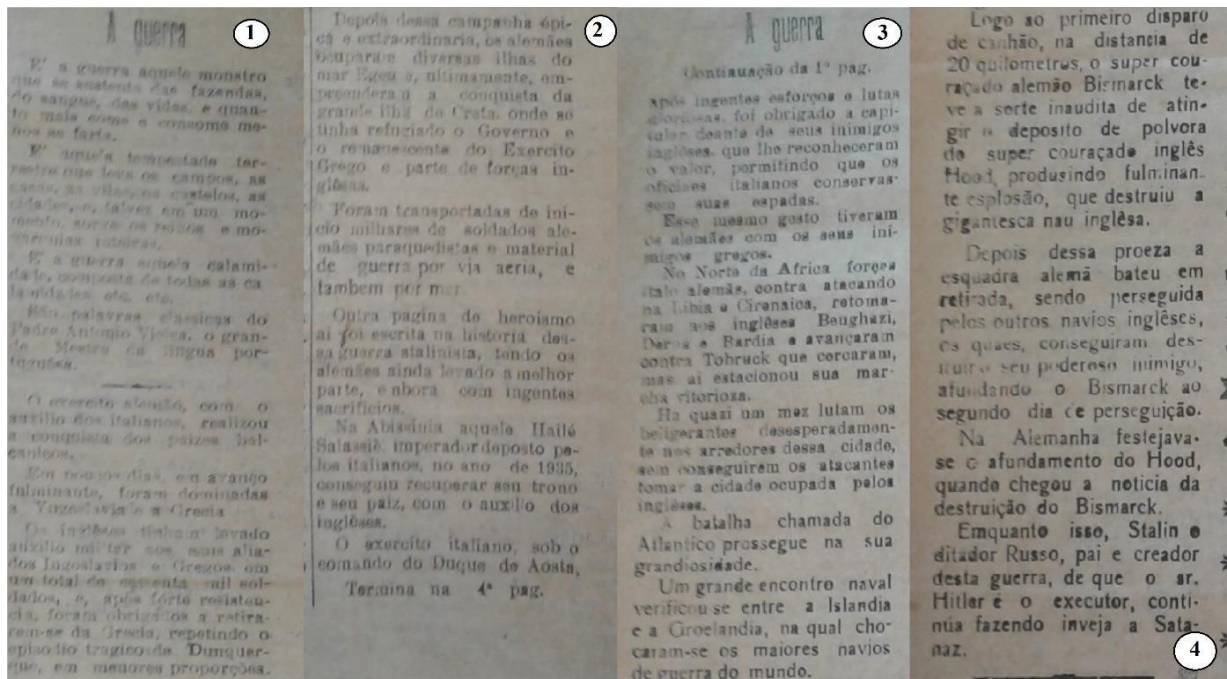
Fonte: CEOM/ Unochapecó.

Figura 6: 3ª Notícia da Segunda Guerra Mundial estudada, jornal *A Voz de Chapecó*, ano II, nº 79, p. 01, 30 de março de 1941.



Fonte: CEOM/ Unochapecó.

Figura 7: 4ª Notícia da Segunda Guerra Mundial estudada, Jornal *A Voz de Chapecó*, Ano II, nº 86, p. 01-04, 3 de junho de 1941.



Fonte: CEOM/ UnoChapecó.